

PRISIONEIRO

DE

V
I
L
A

V
E
L
H
A



FIDÉLIS DALCIN BARBOSA

Fidélis Dalcin Barbosa

Prisioneiros de Vila Velha



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Fidélis Dalcin Barbosa

Prisioneiros de Vila Velha

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Romance. -Lagoa Vermelha: NI, 1994. 75p.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhalqual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 05/06/2013

B238p Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-
Prisioneiros de Vila Velha [recurso eletrônico] /
Fidélis Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo
Fundo, 2013.
E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-8326-003-5

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.

CDU: 869.0(81)-34

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

APRESENTAÇÃO

Com o presente livro, o autor, apaixonado da natureza e da ecologia, através de uma história singela e envolvente, em fabuloso cenário de magia, objetiva divulgar VILA VELHA, uma das mais estupendas e raras maravilhas da natureza de todo o planeta.

Baseado em estudo científico de abalizados geólogos, apresenta, ainda, a curiosa origem e a formação de todo este admirável conjunto de encantos naturais, situados nos Campos Gerais do Estado do Paraná.

A história principia no Passo do Socorro, divisa do Rio Grande do Sul com Santa Catarina, em agosto de 1965, quando ocorreu a catastrófica enchente que levou a ponte sobre o rio Pelotas.

Rafael de Oliveira, caminhoneiro do Grupo PERDIGÃO, hospeda-se no Hotel Paganella perto do passo, junto a atual BR-116. Enamora-se da filha do hoteleiro, Sílvia Paganella, a qual se transforma na figura central da novela, ao lado do seu filho Paulo.

Alguns anos após o casamento, Rafael sofre grave acidente na serra das Antas, perecendo esmagado sob os escombros do pesado veículo. Sílvia, após exaustivas buscas, consegue trabalho como empregada na casa de um fazendeiro extremamente avarento. Ocorrendo um assalto na mansão do empresário, Sílvia sofre terrível perseguição, que a obriga a fugir com o filho.

Vai, refugiar-se na mata, pernoitando na caverna de Vila Velha. De noite, tem um lindo sonho. Aparece-lhe um simpático bugrinho, que se diz guardião do tesouro de Vila Velha. Faz-lhe uma promessa: após três dias, ela e seu filho deixarão de ser Prisioneiros de Vila Velha, para ir morar num palácio encantado, onde ela cingirá a coroa de rainha e seu filho será o afortunado príncipe herdeiro.

A fim de matar a fome, Paulinho vai esmolar comida entre os turistas. Faz amizade com eles. Junto com um grupo de estudantes de

Belo Horizonte, vai percorrendo todos os recantos daquele conjunto de maravilhas.

Gabriel, rico cafeicultor de Londrina, acompanhado de sua filhinha, a Liane, socorre o garoto, levando-o com a mãe para sua mansão em Londrina.

Liane adoece e quem vai salvá-la é a Sílvia. Surge daí uma grande simpatia entre ambos, findando, a pedido da filha, como no sonho indicado, com o casamento.

Sílvia sai da sua humilde condição de pobreza para transformar-se numa rainha poderosa, que vai socorrendo os pobres e as instituições de caridade.

Paulinho e Liane estudam, formando-se, Ele em Genealogia, e ela em Enfermagem, acabando por se unirem em matrimônio.

Sumário

APRESENTAÇÃO	7
1 - PONTE DO PASSO DO SOCORRO	11
2 - SÍLVIA PAGANELLA	14
3 - RAFAEL DE OLIVEIRA	16
4 - A FILHA DO HOTELEIRO	21
5 - EM SANTA FELICIDADE	25
6 - NO PASSO DO SOCORRO	27
7 - O CASAMENTO	28
8 - O PAULINHO	31
9 - O ABISMO	32
10 - EMPREGADA	34
11 - FUGITIVA	36
12 - NA MATA	39
13 - VOZES NA SELVA	41
14 - NA CAVERNA	45
15 - UM SONHO	47
16 - O ENIGMA SE DESVENDA	51
17 - A CIDADE DOS ARTISTAS	53
18 - O BANQUETE NA FLORESTA	56
19 - COM OS TURISTAS	59
20 - OS MONUMENTOS DE VILA VELHA	62
21 - O CÁLICE DE PEDRA	65
22 - O ADEUS DAS MINEIRINHAS	67
23 - A LAGOA DOURADA	72
24 - O PASSEIO DE SÍLVIA	81
25 - O ANJO	85
26 - EM LONDRINA	88
27 - LIANE ADOECE	91
28 - O PRÊMIO DE Sílvia	95
29 - RAINHA	99
30 - CASAMENTO DE PAULO E LIANE	102



1 - PONTE DO PASSO DO SOCORRO

Chovia torrencialmente. Durante mais de uma semana, choveu torrencialmente, provocando uma das maiores enchentes de todos os tempos, nos três Estados meridionais do Brasil. Era a famosa enchente de agosto de 1965, logo seguida de uma das mais calamitosas nevasdas da história.

Rafael, ao volante do seu caminhão Mercedes-Benz, da empresa Perdigão, fora informado da precária condição das estradas, que ofereciam sério risco para o tráfego de caminhões.

Era temerário viajar para o Rio Grande do Sul. Contudo, ele tinha forte motivo para ir até o Passo do Socorro, divisa do Estado de Santa Catarina com o Rio Grande do Sul. Lá, num pequeno hotel colonial, trabalhava uma moça que não lhe saía do pensamento.

Vou lá - pensou - custe o que custar. Pelo menos, até o rio Pelotas tenho certeza que chegarei.

Perto da cidade catarinense de Lages, encontra um colega, o Domício, que lhe diz:

- Perdigão, não adianta prosseguir viagem. A ponte do Socorro caiu.

- Não me diga, Domício.

- A enchente levou ontem de tarde.

- Mas eu vou lá ver.

Rafael vai e para diante do Hotel Paganella. O proprietário, Ernesto Paganella, é o pai de Sílvia, moça de seus sonhos.

- Perdigão, - fala Ernesto, chamando o Rafael pelo apelido. O caminhão dele trazia, no alto da cabine, o nome "Perdigão". - Já sabe o que aconteceu?



- Pois é, dizem que caiu a ponte. Será verdade seu Ernesto?

- Sim, eu estava lá quando caiu. Foi ontem de tarde. Vi tudo. Mas entre, Perdigão. Sente. Vamos tomar um trago, que eu lhe conto como tudo aconteceu.

- Obrigado - respondeu Rafael, enquanto, com o olhar, procurava a Sílvia.

- Bom, Perdigão, você sabe que chove torrencialmente durante mais de uma semana. Nunca vi enchente tão grande.

- É verdade, seu Ernesto. Mas como foi mesmo?

- Bom, como você sabe, acima da ponte, havia a tal de ponte velha, construída em 1935. Era de pouca capacidade. Comportava apenas 12 toneladas. Por isso, carretas e grandes caminhões, não podiam aproveitar o Passo do Socorro, devendo seguir pelo litoral, encompridando caminho.

- Pois é, eu sei, seu Ernesto. Eu fiz muitas viagens pela estrada do litoral.

- Como você deve saber, Perdigão, em 1957, esta rodovia, a BR-2, começou a ser pavimentada. Em 1961 foi inaugurado o asfalto.

- Sim, eu me lembro, seu Ernesto.

- Então, em 1958, o engenheiro Walter do Canto Pfeil iniciava a construção da nova ponte, com um vão de 200 metros, dois encontros, seis pilares, altura máxima de 19 metros e pista de rolamento de 8,2 metros. A firma construtora era Carvalho Hoskem & Cia. Ltda., a qual em 1959 abandonou os trabalhos.

- Você, seu Ernesto, sabe ludo.

- Pois é, eu já morava aqui e trabalhei nas obras da ponte. Antes de ser hoteleiro, fui operário da construção da ponte. Aí as obras passaram a ser administradas pelo 2º Batalhão Rodoviário. Mas nos anos de 1960 e 1961, as obras estiveram paralisadas por falta de verba.



Só em 22 de novembro de 1962 - prossegue Ernesto - a nova ponte foi inaugurada pelo Ministro da Viação e Obras, eng. Hélio de Almeida. A ponte recebeu o nome de Engenheiro Antônio Alves de Noronha. Mas ninguém tomou conhecimento deste nome. Continuou sendo conhecida por Ponte do Socorro.

- Está bem, Seu Ernesto, mas conte como foi a catástrofe.

- A ponte velha, a montante da nova, Perdigão, não foi demolida, porque existia projeto de aproveitá-la para ponte da estrada de ferro, então em construção em Lages e Vacaria.

Chovia intensamente - continua o hoteleiro - sobretudo nas cabeceiras do rio Pelotas. Ontem, dia 18, de manhã, o rio já estava 20 metros a cima do nível normal. A corrente impetuosa carregava enorme quantidade de detritos, como árvores, madeiras, casas, gado. Muitos destes detritos ficavam presos nos pilares da ponte velha, que ameaçava romper-se a qualquer momento. Os guardas chegavam a impedir a passagem de veículos pesados...

Por volta das 13 horas, chegaram dois ônibus da empresa Minuano, procedentes do Rio de Janeiro, com destino a Porto Alegre. O primeiro teve permissão de cruzar pela ponte, mas o outro ficou detido.

A ponte velha, com todo aquele entulho de detritos, estava para se romper. Isto aconteceu às 14 horas. Rompendo-se, a ponte velha foi bater de encontro a nova.

Os passageiros dos dois ônibus, muitos motoristas e curiosos, contemplavam o terrível drama das águas em tumulto. De repente, entre os passageiros, parte um senhor corajoso, sobe à ponte e, decerto por curiosidade profissional, vai apreciar de perto o soberbo panorama.

- Que perigo, seu Ernesto! E depois?

- Às 14 horas e 20 minutos, aquele passageiro, que era um engenheiro paulista, Joel Melo, encontrava-se no meio da ponte, quando esta, com estrondo horrível, rompeu-se, partindo-se ao meio.



- E o engenheiro?

- Bom, a parte da ponte presa ao solo gaúcho afundou na torrente, e a outra ergueu-se verticalmente, para, a seguir, dar nas águas com a pista de rolamento e levando o inditoso engenheiro.

- Morreu?

- Até hoje não foi encontrado.

2 - SÍLVIA PAGANELLA

- Perdigão, - falou o hoteleiro Paganella - com esta nevada que está caindo, você não pode viajar.

- Melhor - respondeu Rafael, sorridente, por ter, assim, tempo para namorar a filha do hoteleiro. E a neve continuou caindo sem parar durante os dias 19, 20 e 21 de agosto.

- Duas calamidades - comenta Ernesto. - A enchente que levou a nossa ponte e causou estragos incalculáveis. E agora esta neve.

- De noite, seu Ernesto, eu ouvia o ruído da queda de galhos de pinheiros.

- Não apenas galhos - interveio o hoteleiro. - Derrubou também pinheiros. A neve se acumula nas grimpas e, com o peso, os galhos quebram. Por vezes, o pinheiro com a copa cheia de neve e com o impulso do vento, tomba, partindo o tronco pelo meio.

- E se esta nevada continuar, a calamidade será ainda maior. - Nunca vi tamanha desgraça provocada pela neve, Perdigão.

E a neve continuou caindo sem cessar, até o dia 22, festa de Nossa Senhora das Neves. Os Estados do Paraná, Santa Catarina e, especialmente o Rio Grande do Sul, tiveram enormes prejuízos nas florestas, que foram devastadas. Prejuízos na lavoura, no campo. Nos



campos, o gado, não tendo mais grama, chegava a morrer de fome e de frio. Os próprios animais silvestres sucumbiam. Pelo campo, encontravam-se muitos tatus mortos, porque as suas tocas ficaram cobertas de neve.

O prejuízo maior ocorreu com as casas, cujos telhados, não aguentando o peso da neve, caíam. Caíram centenas e milhares de casas.

Rafael e meia dúzia de caminhoneiros, hospedados no Hotel Paganella, aguardavam, impacientes, o final daquela tragédia.

- Seu Paganella, - diz Rafael - estou louco de vontade de namorar sua filha.

- Qual?

- Aquela que está servindo a mesa.

- É a Sílvia. Pois não, Perdigão. Creio que você poderá ser um excelente partido para minha filha.

- Ah, Seu Ernesto, estou apaixonado. Nunca vi garota mais linda, com aqueles olhos tremendamente azuis, aqueles cabelos bem louros. Aquele rostinho encantador, enfeitado por um narizinho arrebitado, dentes e lábios atordoantes...

- Obrigado, Perdigão. Você ainda não falou com a Sílvia?

- Só troquei algumas palavras informais.

- Acontece, Perdigão, que minha filha é bastante tímida, criada longe da cidade.

- Que idade ela tem, Ernesto?

- 18 anos.

- Estudou?

- Pouco. Tem apenas a quarta série do curso primário. Mas é inteligente. Gosta de ler. Lê a Bíblia quase todos os dias.

- Muito bem, Ernesto. Então posso namorar a Sílvia?

- Pode, Perdigão.

- Escute, Ernesto, a Sílvia nasceu aqui?

- Não. Ela é gaúcha. Nasceu em Vacaria, do outro lado do rio Pelotas.

- E você, Paganella, onde nasceu?

- Nasci também no Rio Grande do Sul, no município de Antônio Prado. Meus avós eram imigrantes italianos. Estabeleceram-se em Caxias do Sul e depois em Antônio Prado, por fim em Vacaria.

- Sabe, Seu Ernesto, o meu patrão também é gaúcho e de origem italiana.

- O dono da empresa Perdigão?

- Exato. É o Saul Brandalise. O pai dele, Ricardo Brandalise, emigrou para Santa Catarina em 1920. Raul iniciou suas atividades na cidade catarinense de Videira em 1934. Atualmente, Perdigão é um poderoso grupo econômico, com numerosas empresas, espalhadas em vários Estados do Brasil.

- Pois é, Rafael, você trabalha para uma grande empresa. Perdigão e Sadia são as duas maiores empresas do ramo.

- Pois a Sadia, Ernesto, também foi fundada por um gaúcho, de origem italiana da família Fontana.

3 - RAFAEL DE OLIVEIRA

Nos dias 20 e 21 de agosto, visto como a neve não parasse de cair, oferecendo um esplêndido espetáculo, enquanto provocava catástrofes, Rafael e outros colegas continuavam parados no Passo do

Socorro, hospedados no hotel do seu Ernesto Paganella, a uns 500 metros do rio.

Rafael aproveitou o tempo disponível para visitar os escombros da ponte e contemplar o drama das águas em tumulto. Via desfilar, na crista das ondas, árvores, madeiras, casas, animais, arrastados vertiginosamente pela torrente impetuosa.

Felizmente, sobrevivendo a nevada, parou de chover, trazendo alívio aos moradores ribeirinhos.

No dia 22, como ficou dito, a neve cessou de cair. Mas a rodovia continuava intransitável, em virtude do excesso de gelo acumulado sobre o asfalto.

Enfim, nos dias 23 e 24, os caminhões, parados em ambos os lados do rio, puderam seguir viagem em direção a Lages e Vacaria.

Mais uns dias, o nível das águas baixando, permitiu atravessar o rio de canoa. Então, os ônibus iam até o rio e os passageiros o transpunham de barco.

Empresas de caminhões improvisaram curioso processo para transportar suas mercadorias de um lado ao outro do rio. Empresas como Galiotto, Rebeschini e Dalcin, que transportavam vinho, álcool e aguardente, estenderam grossas mangueiras, pelas quais a mercadoria cruzava o rio, descarregando e carregando caminhões.

No hotel, os caminhoneiros, enquanto aguardavam, ansiosos e impacientes, que cessasse de nevar, conversavam, tomavam chimarrão, jogavam cartas...

Naquele dia, apareceu lá no hotel o Felisbino, um barqueiro e pescador, que morava ali perto, numa casinha modesta. Vinha acompanhado de seu velho pai, o José.

Este, já septuagenário, o rosto curtido pelas agruras da vida rude que levava, entretinha os motoristas narrando histórias da Revolução de

1923, da qual fora combatente, lutando na coluna revolucionária do general Felipe Portinho.

José, após narrar episódios dramáticos da revolução, passou a falar do famoso caudilho lageano José Maria Fagundes.

- Eu conheci pessoalmente o caudilho - contava o velho. - José Maria Fagundes era dono das fazendas do Paiquerê, dos Gateados e das Vacas Gordas. Tinha, ainda, outra grande fazenda em Minas Gerais.

Era um homem corpulento, gordo, pesava 150 quilos. Era um senhor simpático, de conversa agradável, inteligente, poderoso, temível, exímio caçador de veados pardos. Foi o estancieiro mais valente e largado do sudeste catarinense e nordeste gaúcho.

Interessante! Quando casou era ainda analfabeto. Apesar disso, acabou sendo senador da República...

Cada uma de suas grandes fazendas era guardada por mais de uma dezena de capangas. Ele costumava fazer grandes negociatas, ganhando rios de dinheiro. Um dia, deixou da esposa e juntou-se com uma jovem e bonita freira, que tirou do convento.

Uma ocasião, adquiriu em São Paulo um automóvel novo. Um dos primeiros automóveis da região. Veio voltando de São Paulo rumo de Lages. Ao cruzar a ponte do Rio do Sul, o motorista, cansado e sonolento, precipitou o carro barranco abaixo. O motorista salvou-se mas o caudilho morreu...

Lauro, seu único filho, em quatro paletadas, liquidou com as três fazendas de Santa Catarina e deu sumiço. Até hoje...

O hoteleiro Paganella, interessado em conhecer melhor o seu futuro genro, indaga:

- E você, Perdigão, onde nasceu?

- Eu sou paranaense. Resido em Curitiba. Mas minha família é também muito relacionada com o Rio Grande do Sul. Parentes meus,



irmãos de meus avós da família Oliveira, foram povoadores dos municípios de Vacaria e Lagoa Vermelha. Conheço histórias interessantes de alguns destes parentes.

- Conte alguma, Perdígão.

- David Antônio de Oliveira, que era tenente coronel, depois de residir em Vacaria, foi para Lagoa Vermelha como diretor do Aldeamento de Santa Isabel, chefiado pelo celebre Cacique Doble. O aldeamento ficava junto da antiga Colônia Militar de Caseiros.

David - continuou Rafael - era latifundiário. Teve oito filhos. A cada um deixou 900 hectares de terras. Uma de suas filhas, Rita de Oliveira, casou com o médico prático Ricardo Von Borowski. Este resolveu colonizar as terras da esposa com imigrantes italianos. Na década de 1880, com cerca de 15 famílias, fundou a Colônia Silo Ricardo.

Esta colônia italiana é uma das primeiras fundadas no Rio Grande do Sul, logo após Caxias e Bento Gonçalves, simultaneamente com Antônio Prado.

- Logo a minha terra natal. Perdígão. Eu nasci em Antônio Prado, como já lhe contei.

- Pois é, Seu Ernesto, a Colônia São Ricardo, lá na região dos campos de Lagoa Vermelha, é do tempo da fundação de Antônio Prado e Veranópolis, na década de 1880. O primeiro imigrante desta colonização era o italiano José Gritti, que foi assassinado em 1928, com 66 anos. O assassino é o celebre Paulino Biriba, Paulino Leal Machado, que mais tarde, foi Delegado de Polícia em Clevelândia, no meu Estado. Dizem que matou várias pessoas, no Rio Grande do Sul e no Paraná.

- Que interessante, Perdígão!

- Outro filho de David Antônio de Oliveira, Antônio de Pádua Tunga de Oliveira, foi vítima de latrocínio, quando viajava a cavalo para Porto Alegre. Levava 16 contos de réis. Os assaltantes, só lhe levaram o dinheiro, desprezando a pistola, a vinchester e a espada.



- Eles só queriam o dinheiro.

- Outro parente famoso foi Jeca Cabeça, apelido de José Francisco de Oliveira, dono da Fazenda dos Três Pinheiros, de 158 milhões de metros quadrados. Ele marcava 4.000 bezerros por ano.

- Quatro mil terneiros? Perdígão, não faz por menos?

- Verdade, Seu Ernesto. Ele, naquele tempo, negociava com dinheiro de ouro e prata. Onças, libras esterlinas, barras de ouro. Guardava o dinheiro, em ouro e prata, dentro de barricas. Quando viajava para a região das Missões, a fim de comprar mulas, ele transportava o dinheiro em canastras, presas aos cargueiros.

- Que parentes ricos que você tem, Perdígão!

- Tinha, Seu Ernesto. Hoje eu sou pobre. Vivo do meu trabalho, dando duro com o caminhão. Mas como ia dizendo, o Jeca Cabeça, tinha criação de escravos para comércio. O negro de perna fina, ele vendia por uma onça e o perna grossa por uma libra esterlina.

- Por que, Perdígão?

- E que o negro de perna fina era considerado mais trabalhador do que o de perna grossa.

- Que interessante!

- Mas, tem mais gente importante da família Oliveira lá por Lagoa Vermelha. O José Bueno de Oliveira tinha uma fazenda de 155 milhões de metros quadrados.

Nesta fazenda foram criados os municípios gaúchos de Sananduva e Ibiaçá. Pois sabe, Ernesto, como este meu parente obteve o título de propriedade daquelas terras das quais ele só tinha posse?

- Como, Perdígão?

- Lá na grande fazenda dele havia muitos índios Coroados, que são os Caingangues de hoje. Então, José Bueno de Oliveira criou um

indiozinho. Um dia foi com ele a Porto Alegre falar com o Presidente da Província. Levou o índio que ele havia civilizado e falava português. Disse:

- Sr. Presidente, eu estou civilizando os índios Coroados daquela região. Aqui trago um deles. Sr. Presidente, em troca deste meu trabalho civilizador, espero que me dê o título de propriedade das terras que ocupo.

- E o Presidente deu, Perdigão?

- Deu, foi na conversa. Deu o título de propriedade daquela posse imensa de 15.500 hectares, que hoje formam dois municípios gaúchos de grande prosperidade - Sananduva e Ibiaçá.

4 - A FILHA DO HOTELEIRO

- Perdigão, - falou Paganella - sabe que estou empolgado com estas fascinantes histórias de seus parentes?

- Por quê?

- Acho que você vai me dar sorte, casando com minha filha.

- Sorte, não sei. Mas vontade de progredir e um dia tornar rica e feliz a sua filha tenho muita.

- Então, vamos tratar de casar.

- Calma, Ernesto. Eu ainda não namorei a Sílvia.

- Nem precisa namorar, Perdigão. Eu garanto que dificilmente você faria casamento melhor. Ela é inteligente, esperta, trabalhadeira. Cozinheira de mão cheia. Prepara cada prato.

- De comida italiana, Ernesto?

- Claro. Pratos como estes que você tem aqui no meu hotel.

- Então, casando com a Sílvia, serei feliz?

- Pelo menos em quesito de culinária.

- Então, com licença, Ernesto. Vou começar a namorar sua filha.

- Sílvia, - chamou o Seu Paganella. - Vem cá. Senta aqui. Então não gostas do Perdigão?

- Gosto do Rafael.

- Então, conversa com ele. Já podes programar o teu futuro, porque o pai espera que cases com o Rafael.

- Está bem, pai. Se Deus quiser.

Sílvia, deixando o serviço do hotel para sua mãe e irmã, senta a mesa, no lado do caminhoneiro. O pai logo se levanta para deixar os dois a sós, à vontade.

- Viu, Sílvia? - diz Rafael. - Ouviu o que o pai falou? É pra valer? - Espero que sim, Rafael.

- Pois é, Sílvia, acho que nosso destino está traçado. Vamos casar e você vai morar comigo lá em Curitiba.

- Junto com teus pais, Rafael?

- Não, meu bem. Vamos alugar uma casa. Por enquanto. Depois vamos construir o palácio de nossos sonhos.

- Que palácio, Rafael? Uma casinha, com um jardim florido e perfumado na frente. Uma pequena horta nos fundos.

- E você vai plantar, Sílvia?

- Verduras: Alface, couve, cenouras, beterraba, tomate...

- E radici?

- Claro. Em casa de italiano não pode faltar radici. Radici e polenta.

- Eu, embora não tenha sangue de italiano, gosto muito de polenta, que é um excelente alimento, com muita vitamina.

- Pois é, Rafael, mas ainda falta muito. Falta tudo. Eu ainda nunca pensei em casar.

- Mas agora já pensou. Vamos casar sem demora. No próximo verão.

- Está louco, Rafael?

- Estou louco por você, querida. Louco de vontade de casar com você.

- Devagar, Rafael.

- Está certo. Vamos devagar. Devagar a gente vai longe.

- Sim, vou longe. Vou morar em Curitiba...

- Sabe, Sílvia, hoje parou de nevar. Já dá para viajar com meu Mercedão. Faz dias que estou parado. Não posso desagradar o meu patrão.

- Quem é o seu patrão, Rafael?

- É o dono da "Perdigão". O seu Raul Brandalise. Ele é gaúcho como você.

- É bom patrão?

- Creio que não há melhor. Pode haver igual. Um dia eu vi o retrato do homem. Você já viu, Sílvia?

- Já. Mas não me lembro bem. Só sei que fala em ouro, prata, cristal, fazendo comparações.

- Isso mesmo. É assim: "Da têmpera do aço, se fez a sua vontade; do cinzel do ouro, o seu coração; da liquidez do cristal, a sua alma; do revérbero da prata, o seu entendimento e a sua inteligência. Eis o homem".

- Lindo, Rafael! Então o seu patrão é assim?

- Exatamente. Ele se fez do nada. Foi crescendo. Foi subindo. Hoje é o fundador e diretor presidente do grande grupo econômico que leva o nome de "Perdigão".

- Perdigão. Onde surgiu este nome, Rafael?

- Sabe, Sílvia, Videira, onde teve início o grupo Perdigão, chamava-se na época Perdizes. Então Perdizes deu Perdigão.

- Interessante! Escute. Rafael, a empresa está lhe pagando hem?

- Muito bem, Sílvia, cada mês ou dois, meu ordenado aumenta.

- Assim você pode juntar um dinheirinho, não é, Rafael?

- Para o nosso casamento. Sem demora.

- O que?

- Sim. Vamos casar.

- Neste caso, Rafael, vamos convidar um padre que é meu primo. O Pe. Vasco Paganella, de Vacaria, minha terra natal.

- Ótimo, Sílvia! Com a benção de seu primo, faremos um casamento feliz.

- Espero que sim, Rafael.

Então, cessando de cair neve, no dia 22 de agosto, de tarde, o Mercedão de Rafael reiniciava suas viagens interrompidas. Transportava cereais e produtos frigorificados da empresa "Perdigão". Viagens para São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Rio Grande do Sul.

Esta viagem agora era diferente de todas as outras. Viagem mais alegre, feliz. Rafael parecia que estava no céu, louco de alegria, dominado pelo amor. Que coisa linda, o amor!

Atravessando a região serrana de Lages, Curitiba, Santa Cecília, Rafael contemplava os estragos causados pela neve e pela enchente. Barreiras na estrada. Pinheiros caídos; outros quase sem

galhos... Durante meses, o gado não pode entrar nos matos, em virtude das árvores caídas, obstruindo trilhos e caminhos.

- Nunca vi nada igual - comentavam os motoristas. Os mais velhos afirmavam que viram outra nevada semelhante em setembro de 1912.

A notícia da queda da ponte do Passo do Socorro, uma das mais importantes do Sul do Brasil na época, a notícia da enchente e da nevada, repercutiu pelo país inteiro, fazendo com que o Presidente da República Marechal Castelo Branco e o Ministro dos Transportes Cordeiro de Farias, visitassem o Rio Grande do Sul, a fim de se inteirarem dos prejuízos e tomar providências para socorrer tantos municípios castigados.

O tráfego da BR-2, a atual BR-116, foi desviado para o litoral, pela atual BR-101, enquanto o Exército construía as pressas uma ponte militar no Passo do Socorro. Ponte com capacidade para 25 toneladas e 60 veículos por hora. Então, formavam-se longas filas de caminhões, dezenas de quilômetros, lado a lado, aguardando dias e dias a vez de passar o rio.

Rafael, mais de uma vez, enfrentou o martírio dessas filas junto com tantos outros motoristas, que passavam o dia e a noite na estrada. Quase todos assavam o churrasco para enfrentar a longa espera.

5 - EM SANTA FELICIDADE

Retornando para casa, Rafael, naquele delírio de felicidade, só pensava na alegria dos pais e irmãos ao tomarem conhecimento da novidade.

A família de Antônio de Oliveira, um pequeno comerciante, residia em Curitiba, no bairro de Santa Felicidade, antiga colônia fundada por 14 famílias italianas. O bairro, com a prodigiosa atividade dos imigrantes, cresceu rapidamente e se transformou numa zona de residências de famílias abastadas. Santa Felicidade criou logo fama, principalmente, em virtude de seus restaurantes, onde até hoje, se saboreiam os melhores



pratos italianos. Quando a família de Rafael soube que ele havia arranjado uma namorada de origem italiana, todos vibraram:

- Que bom, Rafael! Essas famílias, nossos vizinhos, descendentes dos imigrantes que fundaram Santa Felicidade, são todas muito queridas. Quem sabe, Rafael, que um dia teremos uma parente de origem italiana.

- Parente muito legal, mãe! Vocês todos precisam conhecer a Sílvia. Flor de garota. Loira. Olhos bem azuis. Exímia na arte culinária, filha de hoteleiro como é.

- Rafael, - diz Lúcia - nós queremos conhecer a Sílvia.

- Pois não, mana. Qualquer dia eu levo vocês, levo o pai, a mãe, até o Passo do Socorro, lá no hotel do Seu Paganella, que é o pai da Sílvia.

- Que bom, Rafael! Quando é que você nos leva?

- É bom que seja quanto antes, para também poderem apreciar o que restou da ponte do Passo do Socorro sobre o rio Pelotas.

- Sim, nos soubemos. Que calamidade, não é? E o engenheiro paulista que morreu, então?

- Pois é, até hoje não foi encontrado.

Dias após, Rafael empreendeu viagem a São Paulo. Ao encontrar-se com amigos, seus colegas de profissão, ele não podia deixar de contar-lhes a sua grande felicidade e seu futuro casamento.

Ao volante do seu caminhão, ia alegre, fazendo planos. Indo a São Paulo trataria de entrar em contato com comerciantes a fim de procurar alguma peça do seu enxoval. Em São Paulo, poderia adquirir móveis por preço mais acessível do que em Curitiba.

Na viagem, quando se defrontava com uma paisagem muito linda, uma casa suntuosa, pensava na Sílvia. Gostaria que ela estivesse junto comigo para poder apreciar tantas maravilhas.

Se ela fosse passear com ele, Rafael a levaria até a cidade de Aparecida. Lá ela visitaria a Basílica da Padroeira do Brasil. A Sílvia, muito religiosa, ficaria bem contente. Rezaria a Nossa Senhora para serem bem felizes no casamento.

6 - NO PASSO DO SOCORRO

Um dia, Rafael, retornando de São Paulo, diz:

- Mãe, tenho uma carga para Porto Alegre. Quem sabe, a Lúcia e a Marta vão comigo até o Passo do Socorro. Enquanto vou entregar a mercadoria, elas podem ficar parando no hotel do pai da Sílvia.

- Mas você vai demorar, Rafael?

- Sim. Vou demorar por causa da ponte militar no Passo do Socorro. Devo aguardar a minha vez de passar. Vou ficar parado uns dois dias na ida e dois dias na volta.

- É muito tempo, Rafael. Desta vez pode ir apenas a Lúcia. A Marta irá na outra viagem.

- Muito bem, mãe. Combinado. Iremos amanhã de manhã cedo.

E foi assim que Lúcia de Oliveira entrou em contato com a família Paganella.

Um encontro emocionante. Lúcia abraçou e beijou D. Ana, a futura sogra do Rafael.

Abraçou e beijou suas filhas Vera, Sandra, e Beatriz. Mas o abraço mais apertado e o beijo mais quente ela reservou para a Sílvia! Sua futura cunhada. Que prazer, Sílvia! Como estás linda!

- E você, Lúcia, com esse rostinho moreno e olhos negros.

- Eu morena e você loira. Olhos negros e olhos amis.

Os três irmãozinhos de Sílvia, o Marcelo, o César e o Sérgio, igualmente ficaram felizes de conhecer e abraçar a irmã do seu amigo Rafael.

De tarde, um dia lindo de muito sol, as filhas do hoteleiro levaram Lúcia a visitar o que sobrava da ponte do Passo do Socorro e a ponte militar, com aquela multidão de caminhões aguardando a vez de passar o rio.

- Esta ponte militar- esclareceu Vera - é provisória. O governo federal vai construir aqui outra ponte bem maior e sem pilares.

- Sem pilares a enchente não leva, não é?

- Vai ser uma das maiores pontes pênseis do mundo.

Rafael, que aguardava com seu caminhão na longa fila, foi acompanhar as moças.

- Veja, Lúcia, - diz ele - o engenheiro paulista que foi levado pelas águas encontrava-se no meio da ponte quando ela se partiu ao meio.

O rio Pelotas - continuou Rafael - é muito torrentoso. O leito corre sempre entre montanhas, num vale profundo. Lá mais abaixo, na foz do rio Marombas, no Passo do Pontão, o rio toma o nome de Uruguai. Existe projeto de construção de outra grande ponte no Passo no Pontão, entre Campos Novos e Barracão, na BR-470.

7 - O CASAMENTO

A visita da irmã de Rafael à família Paganella acabou com qualquer hesitação acerca da viabilidade do casamento do Rafael com a Sílvia.



- Mãe, - dizia Lúcia - o Rafael deve logo casar com a Sílvia. Não podemos esperar que outro pretendente se interponha e nos roube aquela joia.

- Então, Lúcia, gostou mesmo da Sílvia?

- Adorei, mãe. Nunca vi garota mais linda, prendada e trabalhadeira. Não podemos perder tempo, mãe. Toda a família do hoteleiro está de acordo que se realize logo a festa.

- Filha, depende do teu irmão. Ele está de acordo? Está preparado?

- Está providenciando, mãe. Já trouxe parte do enxoval de São Paulo e do Rio Grande do Sul. A Sílvia, por sua vez, já está fazendo a sua parte. Vive costurando, bordando, auxiliada pela mãe e pelas irmãs.

- E casa, Lúcia?

- O Rafael já tem uma em vista, não longe daqui.

- Bom, se ele se garante, vamos tratar de organizar a festa. Será na Matriz da nossa paróquia.

- Não, mãe. Deve ser na paróquia da noiva, lá no Passo do Socorro. Na paróquia de Lages. Parece que o padre Vasco Paganella, que é parente da família da Sílvia, vem fazer o casamento.

- Ótimo! Então iremos todos lá, filha. Falta só marcar a data.

- Será em fins de novembro, mãe. Já foi combinado.

Então, durante os meses de setembro e outubro, a família Oliveira e a família Paganella estiveram empenhadas no trabalho de preparar a festa, expedir convites...

O Rafael, além dos parentes, convidou vários amigos, seus colegas, das empresas Perdigão, Galiotto, Dalcim, Tegon Valenti, Rebeschini... O Sr. Saul Brandalise, o fundador e diretor presidente do Grupo Perdigão, recebeu também convite especial. Ele, está visto, não

poderia comparecer, mas logo ofereceu um valioso presente, um refrigerador para o seu fiel funcionário. De todos os demais convidados, o casal recebeu presentes.

Marcou-se o dia 27 de novembro, um sábado. Com autorização do Bispo e do pároco de Lages, o Pe. Vasco Paganella presidiu a cerimônia religiosa em casa do Sr. Ernesto. Encontravam-se presentes todos os membros da família Oliveira.

Cerimônia simples, mas comovente, com missa, durante a qual os nubentes, seus pais e irmãos comungaram.

O Pe. Vasco pronunciou um discursinho apropriado, desejando a felicidade do jovem casal. Salientou, entretanto, que ambos devem estar sempre preparados para as surpresas da vida, especialmente o Rafael, que passa o dia e parte da noite em risco de vida, andando por estradas em cujas curvas, beirando abismos, onde se esconde o fantasma da morte...

Banquete com pratos típicos da zona colonial italiana do Rio Grande. E, por cima, um gostoso churrasco, tudo oferecido pelo pai da Sílvia.

De tarde, finda a festa, lá pelas quatro horas, Rafael e Sílvia partiram para uma espécie de viagem de lua-de-mel. Sílvia, ao lado do esposo que dirigia o Mercedão. Não era viagem de lua-de-mel; era a programada viagem de núpcias, aproveitando a ida do caminhão para São Paulo, a serviço da empresa.

Sílvia, que só conhecia parte do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, toma agora contato com Curitiba, São Paulo e todas as demais cidades ao longo da atual BR-116. Está admirada com o intenso movimento da rodovia. Além de apreciar tantas belezas naturais, ela vê também dois horríveis acidentes.

- Veja lá, Rafael, em que perigo você anda metido. Deus nos livre desses acidentes.

- Pois e, Sílvia, o Pe. Vasco não nos preveniu contra as surpresas da estrada, em cujas curvas, beirando abismos, se esconde o fantasma da morte?

- Rafael, por amor de Deus?

8 - O PAULINHO

A casa que Rafael alugou ficava no mesmo bairro, em Santa Felicidade, a uma distância de 300 metros do pequeno armazém de Antônio de Oliveira. A família Oliveira era da classe média, como a Paganella. Viviam do trabalho suado, ambas com numerosos filhos.

Para os filhos de Seu Antônio havia em Santa Felicidade um importante colégio, fundado e dirigido pelas Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus. Uma Congregação Religiosa fundada na Itália pela Madre Clélia Merloni.

Um grupo destas freiras veio para Santa Felicidade em 1900, por iniciativa de Dom João Batista Scalabrini, o Apóstolo dos Migrantes.

Sílvia, um dia, visitou as Irmãs, tornando-se logo sua amiga. Dizia-lhes:

- Irmãs, quando eu tiver meu filho e estiver em idade escolar, será vosso aluno.

- Grande honra para nós, Sílvia. Quando é que você terá seu primeiro filho?

- Daqui a poucos meses, lá por agosto ou setembro.

O nascimento do herdeiro de Rafael e Sílvia aconteceu no dia 7 de setembro de 1966. Por haver nascido no dia do aniversário da independência do Brasil, as pessoas amigas brincavam dizendo que o Paulinho seria um grande patriota.



Garoto sadio, de olhos azuis como os de sua mãe. Cabelo loiro e farto. Uma festa para os pais e para os avós que tinham agora o seu primeiro neto.

Para batizar o Paulinho, foi convidado o Pe. Vasco Paganella, que realizou a cerimônia na Matriz de Santa Felicidade, um suntuoso templo, com seu majestoso campanário, orgulho do bairro.

Padrinhos: Ernesto Paganella e d. Ana, sua Esposa.

9 - O ABISMO

Nos três primeiros anos de vida do Paulinho, nada aconteceu de anormal para seu pai. Rafael, sempre a serviço da empresa Perdigão, coma o Brasil, transportando mercadorias de Santa Catarina para outros Estados.

Duas vezes, esteve ele na eminência de sofrer grave acidente, por imprudência e irresponsabilidade de outros motoristas.

Trabalhando sem parar e fazendo economias, procurava juntar um dinheiro a fim de adquirir casa própria.

A felicidade parecia houvesse feito morada segura e perene naquele pequenino lar, abençoado pelo encanto de uma criança. Três anos de amor profundo, de alegrias inesquecíveis, de ternuras sem fim...

Três anos de alegrias também para os avós de Paulinho, que vibravam de emoção e de esperanças, diante do crescimento precoce do seu primeiro neto, aquele garoto encantador e inteligente.

Foi quando, inesperadamente, como raio em pleno dia ensolarado, chega a trágica hora da surpresa prevista pelo Pe. Vasco Paganella, no dia do casamento de Rafael e Sílvia. Numa curva perigosa da estrada, à beira do abismo, pode surgir de repente, o fantasma da morte.

O Mercedão da Perdigão, com o Rafael ao volante, ia descendo a serra das Antas, no Rio Grande do Sul. Marcha um tanto acelerada, morro abaixo. Súbito, numa curva, surge na contramão, executando uma ultrapassagem proibida, outro caminhão, fechando completamente a rodovia.

Rafael freia bruscamente seu pesado veículo, manobrando instintivamente à direita, numa tentativa desesperada de evitar o abalroamento. Derrapa na estrada molhada e sem muro de proteção. O Mercedes só tem uma saída: Rolar pelo abismo de 200 metros de profundidade... Morte instantânea do infeliz caminhoneiro, horrivelmente esmagado pelo peso do veículo e da carga.

Calculem a dor da pobre Sílvia. A dor de seus pais e irmãos. A dor de seus sogros e cunhados...

O funeral teve lugar na Matriz de Santa Felicidade, presidido pelo Pe. Vasco, que celebrou missa de corpo presente.

A dirigir a palavra à numerosa assistência, que lotava o vasto templo, o sacerdote reportou-se à profética advertência feita havia quatro anos, durante a cerimônia de casamento de Rafael e Sílvia: Numa perigosa curva da estrada, à beira do abismo, pode surgir de repente o fantasma da morte...

As despesas do funeral correram por conta da empresa Perdigão, a qual indenizou a jovem viúva e seu filho.

Para a missa de 7º dia, toda a família Paganella se deslocou do Passo do Socorro para Santa Felicidade. Abraçando a Sílvia e seu filho, todos choravam, inconsoláveis.

- Seja o que Deus quiser - ponderava o Pe. Vasco. - Desta incrível provação pode surgir um dia um grande consolo. O sacrifício do jovem Rafael não será em vão. Tenho muita fé na minha prima, tão jovem e bonita. Tenho fé no seu filho, tão forte e inteligente...

10 - EMPREGADA

Sílvia e o filho passaram os primeiros dias de luto em casa da família Oliveira. Depois, viajaram até o Passo do Socorro.

- Filha, - diz o Sr. Ernesto Paganella - venha morar aqui em nossa casa. - Obrigada, pai. Prefiro resolver sozinha a minha pobre vida.

- Que pretende fazer, Sílvia?

- Acho que vou me empregar nalguma casa e morar nela com o Paulo.

- Então, por que não se emprega em meu hotel?

- Obrigado, pai. Se eu fosse sozinha... Mas tenho o Paulinho. E penso no futuro. Penso no aluguel da casa. Na educação do meu filho.

- Está bem, Sílvia, compreendo. Faço votos que sejas bem sucedida no emprego que tens em vista.

Retornando a Curitiba, Sílvia trata logo de resolver sua vida de viúva e mãe. Vai e bate à porta de uma casa.

- Senhora, - fala Sílvia - desejo trabalhar de empregada doméstica.

- Mas e esse guri?

- É meu filho. Sou viúva.

- Não, não é possível, mulher. Se você não tivesse esse filho, nós a aceitaríamos. Estamos sem empregada doméstica.

A mesma ingrata resposta Sílvia recebe à porta de outras casas onde vai bater. As suas costas, Paulo era um fardo incomodo. Não importa - diz ela. - Um dia ele haverá de aliviar o peso de minha cruz. Jamais me separarei dele. Se tiver de morrer de fome, morreremos juntos.



Enfim, após longas e exaustivas buscas, batendo de porta em porta, encontra um rico fazendeiro que a recebe como empregada doméstica.

Interessante, agora ela é recebida justamente por causa do filho.

- Vou dar-lhe pensão para você e seu filho.

- E quanto me paga?

- Dou-lhes casa e comida para ambos, em troca de serviço.

Porfírio, o fazendeiro, era avarento, muito avarento. Era tão pão-duro, que chegava a ser detestado pela vizinhança, por causa deste vício horrendo. Sílvia instala-se com o filho numa casinha nos fundos do lote. Toma logo conta daquela mansão. Limpeza. Lavagem de roupa. Mas esmera-se, sobretudo, na arte culinária, sua especialidade, como filha de hoteleiro. Prepara finos pratos à italiana, tão a gosto do exigente e avaro patrão.

De noite, ela costura, faz tricô. Lê a Bíblia. Reza com o filho.

Paulo cresce lindo, forte, esperto. A mãe principia a ministrar-lhe as primeiras lições para alfabetizá-lo, mediante uma cartilha escolar e revistas infantis. Paulinho logo soletra, faz desenhos, escreve os números.

Um dia, o patrão surpreende a empregada dando de esmola um pedaço de pão a um mendigo.

- Sílvia, - grita ele - não quero que dêsmolas. Essa gente que pede são vagabundos que não querem trabalhar.

- Está bem, Seu Porfírio.

11 - FUGITIVA

Não fosse a exagerada avareza do patrão, a vida de Sílvia até que não era de desprezar. Mas andava desconfiada. Quando as coisas vão bem - dizia ela – é por que a tormenta vem a caminho. Foi assim que aconteceu com Rafael. Pois é, devo estar preparada para qualquer surpresa.

Lá um dia, a família do Seu Porfírio saiu para uma longa viagem de 15 dias. Sílvia ficou tomando conta da casa. Mas continuou dormindo no seu casebre, nos fundos do lote, que o patrão não tolerava que empregados dormissem em sua mansão.

Pois uma dessas noites foi trágica. Ladrões, aproveitando ausência dos proprietários da casa, a assaltaram. Arrombaram o cofre e levaram todas as joias e dinheiro. Talões de cheques. Objetos de valor...

Sílvia, no dia seguinte, vendo a casa aberta e arrombada, quase enlouqueceu. Só pensando nas iras do patrão, quando retornasse. Deu-lhe vontade de fugir. Fugir - pensa ela - é de certo modo confessar minha participação no assalto. Seja o que Deus quiser. Não vou fugir.

Ninguém pode imaginar a indignação do fazendeiro, quando viu aquela desgraça. Parecia um vulcão:

- Sílvia, se não aparecer tudo quanto me furtaram, eu te mato. Eu te mato mulher, a ti e teu filho.

Sílvia caiu de joelhos. Chorou. Pediu perdão:

- Patrãozinho do céu, tenha pena de mim e de meu filho. Eu não tenho culpa... Foi de noite, enquanto eu dormia lá em minha casinha. Eu não tenho culpa, Seu Porfírio.

- Cala essa boca, mulher. Eu já disse. Se as joias, o dinheiro e tudo mais não aparecerem, eu te mato, a ti e teu filho.

- Não, patrão, por amor de Deus.

- Agora mesmo vou ter com a polícia.

E parte imediatamente, no seu lindo automóvel novo, um Chevrolet Opala. Vai em busca da polícia.

Sílvia encontra-se desesperada, não sabe o que fazer. Súbito assalta-lhe uma ideia absurda: Fugir... Agarra as pressas a mala com alguma roupa, alguma comida, a Bíblia, e sai pelos fundos do quintal, puxando o filho pela mão.

- Paulinho, vamos embora. O patrão quer nos matar. Que Deus tenha pena de nós.

Vai andando como alucinada, por ruas e praças. Ao atingir um posto de gasolina, na saída da cidade para Ponta Grossa.

Vendo o seu desespero, sua loira beleza e seus apelos dramáticos, um caminhoneiro dá-lhe carona, em seu caminhão, da mesma marca do falecido esposo, um Mercedes-Benz.

- Sou viúva - esclarece Sílvia. - Meu marido era também motorista de um Mercedão. Morreu num acidente.

- Mas por que a senhora chora?

- E que me aconteceu uma desgraça. Eu trabalhava de empregada e o patrão me ameaçou de morte.

- Por quê?

- Porque, na ausência do patrão, a casa dele foi assaltada. Os ladrões levaram todas as joias e muito dinheiro.

- Ele culpou a senhora?

- Disse que se as joias não aparecerem, ele me mataria.

- Por isso, está fugindo.

- Exato. Nem sei aonde irei parar. Quero ir longe da cidade. Por favor, me leve.

O Mercedão rolava no asfalto. Logo atingiu a cidade de Campo Largo, onde estão instaladas grandes indústrias de cerâmica, onde se fabrica o melhor azulejo, a melhor louça.

A seguir, vai galgando a serra dos Campos Gerais. Lá no alto, a mais de mil metros acima do nível do mar, descortina-se vasto panorama deslumbrador, para as bandas do Sul. Uma planície sem fim, salpicada de vilas e cidades, com a torre de suas igrejas apontando para o céu. Para as bandas do nascente, os picos da Serra do Mar recortando-se contra o horizonte.

Sílvia, o coração retalhado de dor, nada pode apreciar no meio deste mundo de maravilhas. O filho, sim, ia arrebatado pelo esplendor de todo aquele festival de encantos. A ventania, gemendo na cabina do caminhão, fazia coro ao pranto da jovem viúva.

Paulinho não chora. Dá graças a Deus por estar viajando e vivendo emoções, liberto das quatro paredes da casa do seu Porfírio. Alheio ao sofrimento da mãe, conversa com o motorista, fazendo muitas perguntas.

Sílvia vai absorta em pensamentos, fazendo conjeturas acerca do seu futuro e do futuro do filho. Reflete sobre a estranha e louca atitude de fugir.

Diz: Eu fui tola. Eu não devia fugir. Agora sim que o seu Porfírio vai desconfiar que eu tenho culpa do que aconteceu. A estas horas, ele é capaz de andar com a polícia atrás de mim. Pois é, fui tola... Agora nem pensar em voltar e muito menos andar pelas ruas da cidade. Nem em Curitiba, nem em qualquer outra cidade. Preciso mas é de me esconder. Sim, vou tratar de me esconder no mato. No primeiro mato que aparecer.

12 - NA MATA

Com tais pensamentos vai até que vê passar o Opala preto do patrão. Ultrapassando o caminhão, o carro preto segue o mesmo caminho, em direção à Ponta Grossa.

O carro, certamente, não seria o do Porfírio, mas Sílvia, no terror daquela angústia, via a sombra do seu cruel perseguidor em qualquer parte.

Apavorada, quer mandar parar o caminhão, desembarcar e deitar a correr pelo campo. Contém-se. Balbucia uma prece, na esperança de que surja uma solução melhor.

O Mercedes-Benz roda veloz pela esplêndida rodovia pavimentada, descortinando novos horizontes, na ondulação da campina verdejante e sem fim, enfeitada de esbeltos pinheiros.

Encontram-se a cerca de 80 quilômetros de Curitiba e 20 de Ponta Grossa. De repente, Sílvia, olhando para a direita, observa a presença de uma restinga de mata, negrejando numa encosta coroadada de rochedos entaliscados.

Eis ali um ótimo esconderijo para mim - pensa. - Decerto naqueles rochedos deve existir alguma furna onde eu possa passar a noite.

Fala, então, ao motorista do caminhão:

- Por favor, pare. Vamos ficar por aqui mesmo.
- Aqui, senhora? Por aqui não mora viva alma.
- Por isso mesmo. Aqui esta bem. Vamos descer, Paulo.

Saltam do carro. Sílvia, agarrando a mala com a mão direita e o garoto com a esquerda, vai andando para o lado direito da estrada. Atravessam o alambrado e metem-se a caminhar pelo campo, em direção daquela restinga de mata protegida de rochedos.

Caminhões e automóveis, pela rodovia, vão e vêm em doida disparada. O ronco de cada veículo põe no coração da mulher a ponta de um punhal. Parece-lhe que o seu patrão aí vem com guardas policiais para prendê-la.

- Vamos depressa, Paulo.

- Aonde, mãe?

- Vamos nos esconder naquele mato.

- Por que, mamãe?

- O seu Porfírio vem aí para nos prender. Anda ligeiro.

- Mãe, ali no mato não tem bicho brabo, hem?

- Bicho nenhum, rapaz. Deixa de ser bobo. Vamos depressa que aqui todo mundo nos vê.

Correndo, tropeçando e caindo, lá vão os dois fantasmas ocultar-se no enigma da floresta. A custo conseguem vadear o banhado e a sanga molhando sapatos, meias, roupas.

- Flores, mãe. Que lindo! Quantas!

- São lírios do campo, filho. Os amarelos.

- Vermelhos e brancos.

- Crescem nos banhados na primavera e verão.

- Vou apanhar, mãe?

- Agora não. Não temos tempo. Anda depressa, Paulo.

A pequena selva, logo adiante, sobre a qual montam guarda alguns altos pinheiros, ostenta parobeiras, caneleiras, caras. Vai emaranhada de silvas e cipós que atravancam a dura marcha dos dois fugitivos.

Enfim, a sombra das árvores, a salvo das vistas dos transeuntes da estrada, Sílvia cai por terra, soltando fundo suspiro de alívio. Abraça o filho:

- Meu querido Paulinho! Deus seja louvado! Conseguimos, enfim; nós livrar do perigo. Aqui ninguém nos descobrirá.

- Mãe, onde é que vamos passar a noite? Aqui no mato?

- Não tenhas medo, Paulo. Deus vai conosco. Ele dará um jeito. Agora descansaremos um pouco e depois vamos andando. Lá no alto, no meio daqueles rochedos, deve haver algum abrigo onde poderemos passar a noite.

- E comer, mãe? Eu já estou com fome.

- Eu tenho aqui na mala uns restos de comida. Fica pra depois, sim?

Agora vamos caminhar mais um pouco.

E a marcha para o desconhecido prossegue. O terreno vai subindo, coberto de folhas secas, mas úmidas, porque chovera na véspera. Sinal algum de trilha ou caminho.

13 - VOZES NA SELVA

De repente, estacam, petrificados. Que foi?

- Gente. Tem gente, filho. Gente falando.

- Mas é longe, mãe. Lá no alto.

- Vamos subir devagar, sem fazer ruído, sim? Vamos ver o que é.

O coração aos pulos, vão galgando a ladeira, devorados pela curiosidade.

Como explicar a existência de gente neste matagal? Decerto é lá acima, junto daquele paredão de pedra que se avista da estrada. Mas que poderá haver ali que possa atrair as atenções humanas?

- Outra vez, mãe. Fala de gente.

- Pois é. Precisamos desvendar este mistério. Vamos subir mais. Coragem, filho.

Paulinho já não aguentava. Ia prostrado pela canseira e pela fome. Mas a vontade doida de saber a origem daquelas vozes, dava-lhe forças. Agarrava-se às árvores, aos cipós. Levava rasteiras. Caía.

- Devagar, Paulo.

Ele parava um instante e tomava a andar, abrindo caminho em meio ao cerrado matagal.

De repente, para. Apura o ouvido. Depois fala:

- Mãe, eu escutei umas palavras.

- Que foi que ouviste?

- Ouvi dizer: Mas que maravilha! E depois: Olhem aqui a entrada da gruta.

Sílvia sentou-se, pensativa. Que haverá de maravilhoso por estas matas?

Que gruta seria esta? Ficou um minuto refletindo. Depois disse:

- Sabes, Paulo? Garanto que é Vila Velha. A Vila Velha de que tanto falamos, que tanta gente visita, por ser um dos pontos turísticos mais atraentes do Brasil.

- Que bom, mãe! Então nos vamos conhecer Vila Velha.

- Sim, filho, mas devemos ter muito cuidado. Não vá andar por aí o patrão com a polícia atrás de nós. Não podemos facilitar. Vamos esperar até mais tarde, até que não haja mais vozes.

- Mãe, eu vou mais adiante.

- Devagar, menino. Fica bem escondido, sim? Que ninguém te veja, filho. Por amor de Deus. Se não, estaremos perdidos. .

Paulo não se conteve. Subiu, subiu até que avistou entre a ramagem o paredão do rochedo. Agora as vozes vinham bem distintas, ali, a pequena distância, uns vinte metros.

Avançou mais uns passos e viu homens, mulheres, crianças, que entravam e saíam por uma fenda no rochedo. Ficou olhando, olhando, e voltou para junto da mãe.

- Mãe, eu vi. Muita gente. Parece uma procissão que vai e que vem. Vamos lá, mãe?

- Meu filho, ninguém te viu?

- Não, mãe, quem é que pode ver no meio deste mato? Vamos?

Sílvia deixou a mala e seguiu o garoto, o coração batendo forte, num misto de curiosidade e temor.

- Devagar, Paulo.

- Olhe lá, mãe - disse ele baixinho. - Onde?

- Não está vendo? Agora já entrou. Era um homem alto, vestido de branco. Espere um pouco. Agora veja, está saindo.

- Já vi. Abaixa-te.

Agachados, permaneceram uns cinco minutos, contemplando as pessoas entrando e saindo da gruta.

O sol ia caindo. Sílvia pensou em como passar a noite. Depois falou:

- Meu filho, vamos descer para junto da mala. Comemos um bocado, enquanto se faz tarde. Ao anoitecer, com certeza não virá mais

ninguém aqui. Então iremos ver aquilo. Decerto Deus nos reserva lá um bom abrigo para passarmos a noite.

Desceram. Abriram a mala. Comeram um pedaço de pão com salame, que a viúva, providencialmente, guardara na mala, antes de fugir de casa.

- Esta é a única boia que temos, Paulo.

- E amanhã?

- Amanhã, Deus dará jeito, filho. Não te aflijas.

- Mãe, então nós vamos passar a noite aqui?

- Aqui, não. Vamos naquela gruta lá no paredão.

- E lá não vai bicho de noite?

- Não penses em bicho, meu filho. Deus está conosco. Nada de mal nos acontecerá.

- E amanhã aonde iremos?

- Amanhã veremos. Precisamos passar alguns dias escondidos, até que Seu Porfírio perca a esperança de nos encontrar.

- O Seu Porfírio virá nos descobrir também aqui, mãe?

- É capaz. Não viste o carro dele passar?

- Não, mãe. Aonde?

- Pois ele passou por nós na estrada. Agora deve andar por perto. Todo cuidado é pouco.



14 - NA CAVERNA

O Sol desceu e as sombras estenderam seu manto sobre o silêncio da mata e dos campos. Apagou-se o rumor de vozes lá acima. Só longe, na estrada, roncavam os carros.

- Mãe, agora podemos subir.

- Então vamos.

Foram se aproximando do paredão, trêmulos na expectativa de quem vai ao encontro de um tesouro escondido. Realmente, lá jazia, na orla da mata, um verdadeiro tesouro escondido, uma orgia de encantos, fabuloso estendal de maravilhas sem similar no mundo inteiro.

Chegando a poucos metros dos rochedos, ambos param, cautelosos, bombeando, escutando. Nenhum rumor de vozes e de passos. Nada. Apenas o vento gemendo nas grimpas dos pinheiros e farfalhando nas palmas dos coqueiros - dois vultos arbóreos que derramam poesia sobre este fantástico mundo de sortilégio.

Após um sábado de intenso movimento turístico, o silêncio tornava a polvilhar na penumbra o pó do mistério que envolve o apocalíptico fantasma da prodigiosa Cidade de Pedra.

De dia não existe sossego à sombra das muralhas e nos subterrâneos da velha fortaleza. À noite, entretanto, as trevas e o silêncio reinam imperturbáveis, dominadores. Mas agora, a infinita soledade noturna abre seus portões de pedra para abrigar o sono de duas inocentes e perseguidas criaturas.

O chão é arenoso, pedrento, irregular. O incessante vai-e-vem de passos gravou nas lajes a marca do calçado, no chão de arenito. Paulo chama a atenção da mãe para o fato:

- Veja aqui, mãe, de tanto meter o pé.

- Só pra ver quanta gente vem aqui, filho.

O menino, qual audaz explorador, vai à frente. Desce escorregando, firmando-se nas pedras com as mãozinhas. Circunda uma pocinha de água no chão de areia.

O caminho bifurca-se em dois corredores, sob pétreas arcadas. Dentro, à direita, rasga-se vasto salão convidativo. O garoto assenhoreia-se dele, soltando exclamações:

- Mamãe, venha ver que lindo. Olhe para o alto. Aquelas pedras não caem, não?

Gigantesca abóbada, como cúpula de uma catedral, fende-se no alto, deixando cair um raio de luz. Duas pedras, mal presas no exótico telhado, bem no alto, ameaçam ruir sobre os visitantes.

Sílvia sente-se esmagada sob a majestade daquela abóbada, misteriosa obra do divino arquiteto da natureza. Julga-se vítima de um delírio febricitante, de um sonho impossível. Parece que as lendárias histórias de crianças lhe surgem agora de repente, em todo o seu esplendor, com palpável realidade.

- Paulo, que maravilha! - exclama ela num arrebatamento de êxtase. Depois, baixando o olhar, como a certificar-se de que não se trata de um sonho, aponta para o lado, em sua frente: Olhe lá adiante outro salão. Aquele parece completamente fechado. Vamos lá.

O menino vai à frente, trepando os degraus naturais, disformes.

- Não, mãe, não está fechado, não.

Sílvia vai para perto do filho. Olha para o alto e solta um fundo suspiro.

A espaçosa caverna é formada por enormes pedras, umas de face plana e lisa, sobrepostas, apoiadas, como imensas tábuas. Para os lados, duas aberturas por onde penetra a claridade, por onde se avistam pontas de árvores, o azul do céu.

A mãe, estática, contempla aquele mundo de espanto, aquela que será sua casa de hospedagem, como um misterioso subterrâneo dos contos infantis. Paulo, entretanto, como um gatinho, vai marinhandando, buscando alcançar no alto a boca de abertura norte.

- Mãe, dá para subir. Eu vou lá em cima.

Agarrando-se com as mãos em pedras, no chão de terra preta, depois em raízes e troncos de arbustos, em poucos instantes, está encarapitado nas alturas, sob os protestos de mãe:

- Desce, Paulo.

- Deixa, mãe. Vou ver o que tem lá fora.

Lá no alto, o audacioso rapaz descobre outro mundo de fantasia. Com soberano esforço, consegue galgar o planalto, agora iluminado pelo clarão de ouro de um fantasmagórico pôr-do-sol. A vista alarga-se longe pela quietude dos campos, tangidos pelo incêndio do ocaso que lava no céu.

O chão de pedra, eriçado de pontas, rasga-se em fendas, aqui e acolá. Por elas brota rala vegetação. Algumas palmeiras. Arbustos. Lindas folhagens. Para as bandas do poente um que outro pinheiro, em missão decorativa, emerge através das taliscas das rochas, a espinhenta cabeleira, que se desgrenha ao vento, gemendo um soluço de nostalgia crepuscular...

15 - UM SONHO

Paulo, de regresso para junto da mãe, descreve-lhe a epopeia que o empolgou lá no alto. Ela escuta e depois diz:

- Meu filho, eis a casa que Deus nos reservou para dormir esta noite. Vamos ajeitar nossa cama antes que escureça de todo.

Ela abriu a mala. Estendeu roupas sobre o chão de areia. Ajoelhou e junto com o menino rezou três Ave-Marias, pedindo proteção sobre o mistério daquela noite.

- E agora vamos dormir.

- Mãe, e os bichos? Os bichos não virão aqui?

- Os bichos, filho, têm outras tocas menores, mais seguras. Aqui eles não vêm.

Com a mala servindo de travesseiro, deitaram, cobrindo-se com uma saia e um casaco. Paulo defendia-se do frio aconchegando-se entre os braços da mãe, que o apertava com calor e carinho.

O garoto experimentava estranho prazer naquela aventura inolvidável. Dormir fora de casa, numa caverna de mistério, no meio da mais completa escuridão, escutando o gemido do vento nas frinchas dos rochedos.

Súbito, soou, panicamente, trágico grito.

- Que foi, mãe?

- A coruja, filho.

- Ai que susto!

- Não é nada. Dorme, dorme, que Deus vela por nós.

Sílvia, cansada e abatida, após um dia de alta tensão nervosa, sentiu, ao deitar-se, um bem-estar inefável. Fechou os olhos e ficou escutando o arcano silêncio pairando naquele misterioso subterrâneo.

Depois entrou a pensar nas horas de angústia que acabava de viver. No peso da sua grande cruz. Aquela sucessão de desgraças. O marido, morto tragicamente. A loucura dela deitando a correr mundo, arrastando o fardo do filho...

Recordou o assalto da casa pelos ladrões. Por que não cuidei melhor? Como é que não ouvi o barulho? Ao pensar na avareza do duro patrão, indignava-se...

Por que ele não quis que eu dormisse dentro de casa? Eu teria notado a presença dos bandidos e os teria afugentado...

Agora não adianta mais pensar no que passou. Preciso é pensar em como poderei levar a bom termo esta aventura em que me meti. Como será o dia de amanhã? Onde encontrarei alimento? Decerto do outro lado destas muralhas haverá algum morador. Pois é, o melhor é entregar o caso a Deus. Confiar nele. Vamos deixar de devaneios. O que Deus faz é bem feito. Ele bem sabe o que mais nos convém. Vou tratar agora mas é de dormir, como o Paulinho.

Relaxou os músculos, repuxou as minguadas cobertas. Balbuciu uma jaculatória e procurou não pensar em mais nada, tentando conciliar o sono. O vento soprava uma canção selvagem pelos soturnos corredores. Às vezes, apitava como guarda-noturno, em serviço de ronda.

Não tardou muito, adormeceu. Um sono agitado, perturbado por pesadelos e estranhos sonhos. Acordou várias vezes cutucada pelo frio. Por volta da meia-noite, teve um sonho lindo. Apareceu-lhe um índio velho, um simpático bugrinho, que assim falou:

- Eu sou o anjo de Vila Velha. A mim foi confiada a guarda desta fortaleza... A nenhuma humana criatura foi dado estabelecer aqui sua morada. Este lugar é sagrado. Aqui virão gentes de longínquas terras para admirar esta maravilha da natureza. Contudo, no mesmo dia retomarão o caminho da volta. As trevas jamais embalaram aqui o sono de um coração humano. Mas tu, boa senhora, vieste como indefesa corça acossada por lobo carniceiro, buscar abrigo e proteção no seio destas cavernas. Vieste acompanhada por um anjinho, o teu filho, que ora dorme o sono da inocência. Por isso, minha filha, os palácios desta Cidade de Pedra abriram hoje suas portas para acolher teu sono e teu filho, vítimas ambos de injusta perseguição.

Aqui, - prosseguiu o índio - sob estes gigantescos blocos de arenito, estão sepultadas fabulosas riquezas. Eu sou o guardião deste tesouro e detenho a chave do seu segredo. Homem algum tocará jamais neste cofre. Mas, tu pobrezinha e perseguida, tu que procuras abrigo à sombra destas muralhas, encontrarás aqui o tesouro que te fará feliz, juntamente com teu filho. Se durante três noites consecutivas vieres buscar o sono sobre o duro leito desta gruta, mandarei no terceiro dia um anjo ao teu encontro. Este anjo te conduzirá a uma cidade distante, onde, num palácio encantado, te aguardam maravilhas. Cingirás a coroa real, terás a mão do rei, o qual fará teu filho herdeiro do seu trono...

Sílvia acordou numa apoteose de felicidade. Seus olhos debalde buscaram com avidez o vulto do simpático bugrinho, que lhe prometia tão fantástica ventura. Reconheceu logo, porém, que tudo não passava de um sonho, um maravilhoso sonho.

Aqui - pensou - até os sonhos são de contos infantis, falando em reis, rainhas e príncipes, com seus castelos e palácios encantados. Mas, quem sabe, talvez não diga este sonho que Deus me reserva uns dias de paz e tranquilidade, após longos anos de cruel sofrimento. O senhor está perto de quem sofre.

Li isto na Bíblia. Então Deus está junto de mim. Nele depus toda a minha confiança, não serei enganada...

Acomodou-se no duro e frio leito. Olhou para o amplo janelão do norte. As estrelas brilhavam no firmamento, traçando uma benção de ouro e de luz. Fechou os olhos e ferrou outra vez no sono. Dormiu regaladamente, sem pesadelos, sem nenhum sonho, até o clarear do dia.

16 - O ENIGMA SE DESVENDA

Sílvia abriu os olhos, que receberam o impacto da luz vinda do alto, das duas grandes claraboias. O vento sibilava. Lá fora, pela brenha, pássaros salmodiavam a oração da manhã.

Despertou o filho:

- Vamos, Paulinho? Já é dia. Hoje é domingo. Rezemos um pouco e tratemos de sair desta caverna antes que cheguem os turistas. Hoje decerto virá mais gente do que ontem. Queira Deus que não venha também o Seu Porfírio.

Rezaram. Colocaram a roupa dentro da mala e saíram pelo caminho da entrada. Fora, apenas o sussurro do vento e o cantar da passarada. Longe, pela estrada, o ronco de algum carro. O céu límpido. O sol, deitando uma carícia de calor, iluminava os campos Gerais do Paraná.

- Mãe, - falou Paulo - vamos seguir este caminho. Por aqui vinha a gente ontem. Vamos ver onde vai dar este caminho.

- Não, filho. Pode haver gente.

- Vamos devagar, bombeando. Se tiver gente, voltamos correndo para o mato.

- Vamos então. Mas devagar.

O carreiro, entre a mata e o paredão, caminha por chão pedregoso e terra preta. Nenhum machado abateu troncos e removeu obstáculos, para abrir caminho. E a mata virgem, respirando seu perfume natural, palpitando em seu lirismo agreste. É quase carreiro de feras, muito batido, calcado por milhares de passos dos turistas, que visitam este assombroso labirinto, prenhe de incríveis surpresas, que se sucedem, cada vez mais fantásticas, por dois mil metros de extensão.

- Mãe, veja outra entrada de furna. Mais estreita, não é? Lá outra. Ih! Quanta!

- Fala baixo, guri.

O caminho sobe tumultuoso, entre pedras. Depois desce um nadinha. Sobee outra vez a íngreme ladeira. Um belo pinheiro meteu-se ali a crescer entre as paredes de pedra, como buscando proteção. Paulinho lembrou-se de que no dia anterior vira lá no alto a copa deste pinheiro. Quis falar para a mãe, porém guardou silêncio, com medo da possível aproximação de turistas.

Por fim, a caminhada, rumo do poente, alcançou a abertura final dos penedos. Agora, uma rua arborizada rasga-se à direita do paredão de pedra, e à esquerda de ciclópicas colunas, semelhantes a imensos torreões de vetusta fortaleza.

Nas paredes de arenito, os visitantes gravaram seu nome e a data de sua passagem. O terreno é arenoso, um tanto irregular. Estreitos corredores convidam alpinistas para uma aventura de galgar montanhas de arenito e desvendar o mistério das alturas, lá fora, no planalto.

A rua desemboca à esquerda do campo. Uma casinha fechada, onde se vendem recordações de Vila Velha. Setas indicando o caminho da gruta, de onde vem chegando Sílvia e seu filho. Estacas baixinhas, brancas, delimitando a zona de estacionamento dos carros visitantes.

Paulinho sai correndo, feliz por encontrar-se finalmente fora daquele monstruoso labirinto. Solta um grito:

- Viu, mãe. Não tem gente. Ninguém, ninguém. Vamos andando. Veja como é lindo por lá.

Saíram.

- Olha lá, Paulo. Lá embaixo uma casa em construção.

- Mas fica longe, mãe. De lá ninguém pode nos enxergar.

Palavras não eram ditas, apontou um carro escuro, subindo pela estrada, em direção de Vila Velha.

- Paulo do Céu, ali vem o Seu Porfírio, vamos embora.

Os turistas iniciavam um dia de intenso movimento. Naquele esplêndido domingo, cerca de duzentos automóveis, camionetas e ônibus, despejaram excursionistas ao pé da famosa Cidade de Pedra.

Sílvia e Paulo, correndo, em poucos minutos, alcançaram a estrada da gruta. De posse da mala, que haviam deixando à entrada da gruta, embrenharam-se na mata.

- Vamos acampar perto da água, Paulo. Não temos comida. Pelo menos teremos água.

Desceram quase até a sanga. Descobriram um lugar lindo. Com folhas prepararam uma espécie de leito, sobre o qual, sentados ou deitados, passariam o domingo.

- E comer, mãe? Eu já estou outra vez com fome.

- Pois é, filho. O que poderemos encontrar aqui para comer? Mas, vamos rezar. Deus não nos deixará morrer de fome.

17 - A CIDADE DOS ARTISTAS

Automóveis iam e vinham, longe, pela rodovia federal. Outros roncavam cá perto, na fralda da mata. Eram os turistas que chegavam a fim de passar um dia de êxtase diante do prodígio sem par de Vila Velha.

A distância, para quem procede de Ponta Grossa, que dista apenas 17 quilômetros, a visão, que o bloco de pedra assente sobre a verde ondulação, da campina apresenta, é de uma velha cidade cercada de muralhas, reeditando, por exemplo, Ávila, a cidade espanhola de Santa Teresa.

À proporção que avançamos, subindo através do macio verdor do gramado, o aspecto se transfigura. Agora a visão é de destroços acumulados, em frenéticas contorções.

Deixamos a autoestrada. Seguindo a indicação da seta, enveredamos, à esquerda, por caminho sem asfalto na época, descrevendo uma curva para depois galgar a colina. A meio caminho, uma tabuleta informa que à direita, para dentro, numa imensa construção de obras paralisadas, existe um restaurante, a regular distância de Vila Velha.

Estacionamos o carro. Os olhos descobrem, alvoroçados, como ruínas duma cidade inverossímil, cujos arquitetos e escultores geniais tivessem timbrado em deixar à posteridade o milagroso fruto do seu fantástico saber e do seu hercúleo trabalho.

A trechos, temos a impressão de andarmos por entre os escombros de cidades dos Incas ou dos Astecas. Outras, de passearmos à sombra lírica das pirâmides do Egito.

Na realidade, na verde e imensa solidão dos campos, no alto daquela vasta colina, parece uma cidade vencida, erguendo, em mudo protesto, em protesto eloquente, vingador, o resto de suas fortalezas, solitárias e trágicas.

A fantasia transporta-nos, então, a remotas eras, perdidas na noite do mistério, quando aqui se travaram titânicas pugnas. Formidável batalhão de vândalos avançou de repente sobre a cidade dos artistas. À sua fúria devastadora, não sobreviveu um mortal. Roubada, espoliada, as muralhas demolidas, os vencedores seguiram seu caminho, abandonando-a as intempéries. Mas, o tempo e o vento, os dois mais notáveis arquitetos e escultores autodidatas, deram-se ao trabalho paciente de reconstruir a mágica obra...

Cidade de artistas do esculpro e do buril, cidade de atletas que rolaram montanhas de pedra, modelaram e esculpiram ciclópicos monumentos, para imortalizar no arenito a sua homérica história. Seus navios descobridores que escreveram epopeias sobre os mares. Seus camelos que atravessaram desertos sem fim. A esfinge do Egito, aos pés da qual suas tropas desfilaram vencedores. A taça, qual troféu de glória, com que festejaram seus triunfos...



Mas, despertemos do êxtase e tomemos à realidade.

Sílvia e seu filho, sentados sobre o leito de folhas, na sombria solidão da floresta viviam inquietas horas de expectativa.

Rezaram um terço do rosário da Virgem Maria. Depois, ela retirou da mala o livro da Bíblia e leu para si e para o filho um trecho do Evangelho, como se fosse o Evangelho daquele domingo. Era o sermão da montanha. Depois, comentou para o garoto:

- Viu, meu filho, o que nos diz Jesus? Os passarinhos nunca morrem de fome. Sempre encontram o que comer.

- Olhe ali um, mãe. Que lindo!

- Pois é, meu filho, este passarinho Deus mandou aqui para dizer que nos também não haveremos de morrer de fome. Deus cuida mais de nós do que das aves que não trabalham.

- Mãe, eu já não aguento mais de tanta fome.

Realmente, mãe e filho estavam mortos de fome. Tão famintos e enfraquecidos, que daí a pouco, deitados, adormeceram. Acordando, Sílvia falou:

- Paulinho, sabe que tive uma ideia?

- Que é, mamãe?

- É capaz de ir sozinho?

- Aonde?

- Lá onde estivemos hoje de manhã. Onde estacionam os carros dos turistas. Leve este dinheiro. Pede por caridade aos turistas que te vendam um pedaço de pão.

- Pois não, Mãe.

- Mas, escuta, Paulo. Antes de saíres do mato, olha atentamente se não anda por lá o Seu Porfirio. Que ninguém te reconheça. ouviste?

- Ouvi, mãe. Já vou.
- Vai, que eu fico rezando.

18 - O BANQUETE NA FLORESTA

O garoto partiu apressado, enquanto a mãe sentada, rosário na mão, entre suspiros e preces, meditava as palavras do Evangelho sobre a Divina Providência.

Ao cabo de poucos minutos, Paulinho andava entre a multidão de turistas. Encontrou agora a casa aberta, transformada em banca de venda de recordações de Vila Velha, de postais, pratos, salvas, caixinhas...

Logo abaixo da casinha, sobre cavaletes, enorme fotografia aérea da cidade de Ponta Grossa. Duas pessoas olhando.

Três ônibus. Muitos automóveis. Camionetas. Homens, mulheres, crianças. Um grupo de freiras. Dois guardas cuidando do trânsito e da ordem.

Paulinho pensou na mãe, que não via nada de todo aquele movimento. Parece uma festa. Tanta gente como na cidade. Para que tanta gente aqui?

Ficou muito contente por ver ali uma família sentada à sombra das árvores, almoçando. Aproximou-se um tanto constrangido, a nota de cem cruzeiros na mão:

- Por favor, não me vendem um pedaço de pão? Estou morto de fome.

- Coitadinho! -lamentou uma mocinha muito elegante. - Senta cá junto com nós.

O rapaz recebeu um pedaço de galinha assada, que foi devorando com avidez, deixando a todos com pena. Deram-lhe pastéis, doces, frutas...

Comeu até ficar farto. Levantou-se e fez questão de entregar o dinheiro.

- Não é nada, querido.

- Muito obrigado. Mas eu queria comprar um pedaço de pão para minha mãe.

- Tua mãe? Onde está tua mãe, menino?

- Lá no mato.

- No mato? Por que no mato?

- Querem matar ela.

- Matar por quê?

- Porque os ladrões entraram em casa e levaram o dinheiro do patrão.

- Então, vocês fugiram?

- Fugimos ontem. Dormimos numa fuma lá atrás.

- E agora?

- E agora não sei. A mãe mandou comprar um pedaço de pão.

A boa família, que era de São Paulo, abrindo um jornal, estendeu no chão. Colocaram sobre ele carne assada de galinha, lombinho de porco, muitos pastéis, pão, queijo, bananas. Um enorme pacote. Paulinho mal podia com ele. Disse muito obrigado e saiu correndo para o mato, louco de contentamento.

Chegou suando, todo radiante:

- Olhe, mãe, o que mandaram pra senhora.

- Que maravilha! Quem foi, meu filho?

- Uma família.

Sílvia abriu o embrulho. Abraçou o filho, chorando.

- Veja como Nosso Senhor é bom, meu filho.

- Mãe, por que a senhora está chorando?

- É de alegria, meu filho.

- Não chore, que me dá pena.

- Está bem, Paulo. Não choro mais. Vamos comer.

- Eu já comi. Olhe aqui a barriga cheia. Essa comida é só pra mamãe.

- Que maravilha, Paulo! Temos comida para hoje e amanhã.

- Amanhã vou buscar de novo, mãe.

- Viu, filho, como Deus não se esqueceu da gente?

- Mãe, eu queria que a senhora visse que mundo de gente tem lá.

- E o Seu Porfírio?

- Ele não veio, não.

- Graças a Deus.

O menino sentou-se no leito de folhas a olhar com infinita satisfação a mãe comendo com tanto apetite. Depois ele pegou uma banana e comeu.

- Mãe, já posso ir?

- Que pressa. Que é que vais fazer?

- Vou voltar.

- Comida não precisa pedir. Temos bastante.

- Mas amanhã eu vou pedir, não é, mãe?

- Sim, filho.

- Mãe, a senhora não quer vir junto?

- Não, Paulo. Tenho medo que apareça o Seu Porfírio ou alguma pessoa conhecida. Ela pode ir contar que nós estamos aqui.

- Mãe, então a senhora quer ficar morando aqui?

- Não, meu filho. Ficaremos só três dias. Até que o seu Porfírio desista de nos procurar.

- E depois?

- Depois? Depois iremos em busca de serviço.

19 - COM OS TURISTAS

Assim que Sílvia terminou de almoçar, o menino pediu licença e saiu. Ele ainda não tinha visto nada daquela maravilha que atraía tantos turistas.

Partiu para deixar a mãe sozinha, naquela solidão, durante toda a tarde.

Mas ela sentia-se agora tão bem, depois daquele gostoso banquete, à sombra da mata, junto com os passarinhos.

Levou, então, seu pensamento, num gesto de gratidão, para o bugrinho do sonho. Bugrinho camarada aquele! Não será pecado acreditar em sonhos? - perguntou a si mesma. Mas a Bíblia fala tanto em sonhos. Quantas vezes revelou-se Deus aos homens por meio de sonhos? Pelo que estou vendo, parece que a coisa vai melhorar para mim e meu filho.

Levantou-se. Foi à fonte tomar água. Deu umas voltas em redor e retornou ao seu leito. Deitou-se de costas, o olhar perdido entre as folhas das árvores, onde passarinhos saltitavam, pipiando. Depois adormeceu.

Dormiu cerca de uma hora. Depois abriu a Bíblia e leu vários capítulos dos Evangelhos, leitura que a empolgava e até dava forças para sofrer. De quando em quando, suspendia a leitura e rezava para que nada de mal acontecesse ao filho, o filho que já andava metido entre os turistas.

Na praça do estacionamento, viu ele um ônibus, com placa de Belo Horizonte, a despejar estudantes acompanhadas de duas religiosas. Eram alunas do Colégio *Sacre Coeur de Marie*, da Capital das Alterosas.

Paulo ficou parado, feito bobo, a olhar aquelas simpáticas garotinhas, que, por sua vez, gostaram do menino. A Ronise Vieira de Paula, a Elisabete Teixeira da Costa e outras convidaram-no a acompanhá-las na visita que elas estavam empreendendo a todas as curiosidades de Vila Velha.

Uma freira, Irmã Bom Pastor, professora de Ciências Naturais do Colégio *Sacre Coeur de Marie*, de Curitiba, velha conhecedora desta maravilha da natureza, acompanhava as mineirinhas, servindo de cicerone. Trouxera ela da Capital Paranaense uma aluna, Fátima de Andrade, e seu maninho, Paulo Tadeu, um amor de crianças, só um tanto briguentas. Durante a viagem, a Irmã foi obrigada a apartá-los porque volta e meia se engalfinhavam.

A Ir. Bom Pastor foi logo dando explicações:

- Chama-se Vila Velha porque parece uma vila abandonada, velha, em ruínas.

- Interessante, Irmã, - interrompeu Maria das Graças Araújo dos Anjos. - Eu, quando ouvia falar em Vila Velha, pensava que aqui havia uma vila de verdade, uma vila Velha, construída pelos homens.

Enquanto a Irmã Bom Pastor falava, a outra colega, esta de Belo Horizonte, Ir Maria dos Anjos, batia fotografias, procurando os melhores ângulos, colhendo sempre as alunas ao pé daqueles monumentos.

- Olhem a cabeça do camelo. Parecido, não é? .

- Bem Parecido, Irmã.

Todas olhavam boquiabertas para aqueles blocos de pedra, da altura de um arranha-céu, tão bem talhados, enfeitados com tunas e outras parasitas. No alto, a cornija, depois as ameias, formando como uma serra.

- Reparem como parecem flores lá no alto, flores de pedra.

- Irmã, - pediu Eliana Aguiar Mourão - como se explica a formação tão artística destes monumentos?

- Antigamente, há milhões de anos, durante a formação do Globo Terrestre, havia aqui uma espessa camada continua de arenito de origem glacial. Como vocês sabem, o arenito é uma pedra de pouca consistência. Reparem como a gente com a unha consegue tirar grãos de areia.

Então, - prosseguiu a religiosa - as águas superficiais, aprofundando-se, abriram fraturas nas rochas, isolando estes blocos. Com o prosseguimento do trabalho de erosão, surgiram estas colunas majestosas de cor de tijolo. Vejam como existem blocos de arenitos que não foram retalhados.

- Irmã, - perguntou Maria de Lourdes Novais Alves - não foi a erosão eólica, o vento, que formou todas estas colunas?

- Há pessoas que afirmam, mas não é verdade, embora o vento como a água, trabalhando os blocos de arenito, venham desgastando mais rapidamente nas partes baixas, dando-lhes a forma de cogumelo.

O clima da região - continua a Irmã - não é favorável à erosão eólica.

A vegetação e a umidade impedem a mobilização da areia. Trata-se, pois, de curiosa forma de erosão subcortical. A concentração de sílica

endureceu a zona superficial das colunas. Daí, a infiltração das águas sob a zona endurecida atua e origina este sistema de canais.

O arenito de Vila Velha - completou a Ir. Bom Pastor - pertence ao Grupo Tubarão. Há autores, entretanto, que o consideram devoniano.

Outrora, há milhões de anos, enormes massas de gelo passaram a cobrir a terra firme. A seguir, veio o degelo, espalhando areia e pedregulho. Mais tarde, o deserto sofreu ingente catástrofe, fraturando e rompendo o continente. Então, fendas atingiram estes campos. O rolar dos séculos foi aos poucos modelando o arenito, dando-lhe estes extravagantes aspectos de bichos, de castelos, torres, cúpulas, pirâmides, navios, taças, pilares, torrões... Mas, a modelação das formas deve-se, principalmente, à decomposição química e a ação mecânica das águas correntes.

20 - OS MONUMENTOS DE VILA VELHA

Paulinho, que pouco ou nada entendia daquela fala científica da freira, acompanhava, no entanto, a turminha com o maior interesse. As mineirinhas davam-lhe bombons, caramelos, frutas, que ele agradecia e saboreava gostosamente.

A certa altura, fez amizade com Paulo Tadeu. A Ir. Maria dos Anjos aproveitou para bater uma fotografia dos dois garotos bem ao pé do navio, num contra mergulho espetacular.

Apesar da pobreza de sua roupa, ao lado do traje elegante do companheiro, ele não se sentia humilhado nem constrangido. Vestia, o pobrezinho, uma blusinha amarela, surrada, e calça marrom, curta e remendada. Nos pezinhos, alpargatas Roda, rasgadas, deixando à mostra o polegar dos pés.

A Irmã cicerone não podia perder tempo. Convidou a turma, que esteve contemplando os dois meninos posando para a objetiva:

- Vamos andando. Reparem lá no alto. O cabeço de muralha, a cornija, que é mais saliente que o resto do bloco, tem cor cinza-esbranquiçada, formada por uma crosta que protege o arenito. A água cinzelou caprichosamente lindas ameias para esta curiosa fortaleza natural: Um pouco abaixo, a pedra é vermelha. Parece que está sangrando, não é? Dá ideia de trabalho recente. Não possui a crosta da superfície, que apresenta um aspecto de velhice, e é mais consistente, resiste à erosão. Aqui, abaixo, no entanto, a erosão vai cavando, vai cavando. Olhem a depressão que provocou, vejam os canais que abriu, com formas de gigantescas garrafas.

- É mesmo, irmã. Parece o interior de uma garrafa.

- Que interessante! - exclamam quase todas em coro.

O grupo vai andando através da ampla avenida, ladeada pela muralha, ao Sul, e por blocos isolados, ao norte. O navio ergue-se bem no meio da avenida, ou melhor, da praça, como se fosse um monumento a realçar a paisagem.

O chão arenoso abre caminho entre algumas pedras e a grama, salpicadas de flores silvestres. Jane Moreira arranca do chão um fio de capim e põe à boca.

- Ozitha, experimente mastigar este capim. É erva cidreira. Não é?

- Assim fininha? É mesmo. Tem gosto de erva cidreira. É, irmã? É mesmo erva cidreira?

- Não, filha. Isto chama-se capim-limão. É gramínea nativa da região.

- Eu até pensei que trouxeram de longe para impedir a erosão do solo.

Aqui e acola, o solo oferece um lajeado colorido, como um tapete, uma longa passadeira, com linhas simétricas, vermelhas, amarelas, brancas... Foi Maria Lúcia Paiva quem por primeiro notou aquele singular capricho da natureza que se deita debaixo dos pés dos turistas.

- Observem daqui como se vê distintamente a proa do navio, falou a Ir. Maria dos Anjos. - Aqui vou bater uma ótima foto, em piano de conjunto. Coloquem-se todas ali sobre aquela pedra. Isso. O Paulinho também. O Tadeu.

Outros turistas, que iam passando, paravam para não atrapalhar o trabalho do fotógrafo. Era muito grande o número de turistas. Verdadeira procissão. Homens, mulheres, rapazes, mocinhas, crianças. Alguns rostos redondos, olhos mongólicos, denunciavam a origem nipônica daquelas pessoas.

Logo adiante, ao findar a avenida, no campo, um fontanário convida a tomar água. Algumas estudantes correm para ele. Paulinho e seu xará também vão meter a boca à torneira. Ia morto de sede, o coitado, depois de chupar tanta bala.

No céu, com algumas nuvens brancas errando, o sol dardejava raios inclementes, que juntamente com a canseira da caminhada, provocava sede.

A freira seguiu mostrando os encantos da Cidade de Pedra, a cidade que outrora era chamada Cidade Fantasma e da qual ninguém ousava se aproximar, pois os fantasmas - diziam - à noite e mesmo de dia apareciam aterroadores, na faina de defender o cabedal aqui enterrado sob os imensos blocos de arenito.

Agora, o que chama a atenção é uma escultura, obra da natureza. Enorme face, de perfil, parece trabalho de genial escultor. Como aparece perfeita a boca, o nariz, o queixo...

Numa curva do arenítico maciço, em missão decorativa e defensiva da ciclópica fortaleza, castelos medievais, com suas torres normandas, transportam as inteligentes mocinhas, que vão empolgadas por tamanhos encantos naturais, para a longínqua e velha Europa, para as românticas histórias de castelos e príncipes encantados...

Quase em frente, à esquerda, sobre a grama, sozinha, isolada, imensa tartaruga espicha a cabeçorra para os turistas.

Longe, para o este, ao cabo do segundo conjunto de edifícios, a figura da cabeça do Gavião apresenta semelhanças com um garrafão descomunal.

21 - O CÁLICE DE PEDRA

Ronise anda inquieta por ver o Cálice de Pedra:

- Irmã, onde está o cálice?

- Mais adiante, Ronise. Já chegaremos lá.

A muralha da cidadela dobra agora para a direita, a que presidem dois impressionantes monumentos - a Bota e a Esfinge. As meninas, soltando exclamações, numa incontida euforia, trepam naquele para uma foto. Depois vão correndo posar para a objetiva, diante da Esfinge, que lhe fala com eloquência do velho, calcinado e turbulento Egito.

Aqui se toma obrigatória uma pausa para meditação, para o êxtase. Lourdinha, entretanto, solta um grito, ao qual todo Mundo debanda:

- Olhem lá o cálice!

Quase toda a turminha abalou vibrando e pulando em direção da gigantesca taça, a obra-prima de todo este prodígio de escultura.

Lá pompeia o famoso Cálice de Pedra, no pendor da colina, que descamba para o Sul, no ponto terminal de quem chega de Ponta Grossa e inicial de quem pelo campo, chega de Curitiba.

As garotas, correndo pelo gramado, aproximam-se do curioso monumento, que mede quinze metros de altura. Param a uns vinte metros para contemplar embevecidas aquele milagre de pedra, cantando o mais sublime poema, ali na verde solidão dos campos.

Observam atentamente a graciosidade das linhas arquitetônicas, a forma esbelta, a coloração diversa. O colo vermelho ostenta rachaduras horizontais. No alto, a copa em quadrilátero, a cornija cinza-esbranquiçada, levemente recamada de musgo. No cume, rara e raquítica vegetação, entre ameias e seteiras, onde, dir-se-ia, se escondem misteriosos atiradores.

Baixando o olhar para o sopé, notam que rachou o gigantesco pedestal, para cavar uma abertura onde vegetam pequenos e graciosos arbustos, ornamentando a liturgia do altar sobre que a natureza oferece todos os dias, através de milênios, a missa de perene louvor...

As estudantes caminham, circundam a taça descobrindo novos encantos em cada ângulo. Visto do alto, do lado norte, brinda-lhes uma visão de surpreendente beleza. O monumental cálice recorta-se airoso sobre a verde imensidão da campina, onde, ao longe, além da estrada, um pinheiro solitário, de larga *umbrela* aberta, ao lado de outra fortaleza de pedra, derrama infinita poesia.

Auxiliadas pelos dois motoristas do ônibus, as mocinhas trepam no pedestal. Paulinho, Tadeu e Fátima sobem puxados. A Irmã Maria dos Anjos vai bater um instantâneo daquele inesquecível e histórico momento. Um contra-plongé fenomenal.

A freirinha bateu uma foto, bateu duas, bateu três. Não sabia escolher o ângulo preferencial. A cada passo, descobria um melhor do que o outro. Vai assim retardando a permanência da turminha ao pé do monumento.

Enquanto isso, Ana Lúcia Lucena e Ozitha Teatini, almas de poeta, dirigem perguntas a Ir. Bom Pastor:

- Irmã, haverá no mundo maravilha semelhante a esta?

- Minha filha, as maravilhas de Deus não tem fim. A natureza possui encantos inesgotáveis, em todos os Continentes.

- Mas, Irmã, o que desejo mesmo saber é se existe outra Vila Velha?

- Existe, sim, Ana Lúcia. Na Espanha, nos arredores de Cuenca, admiram os turistas a famosa Cidade Encantada. É uma réplica de Vila Velha, com monumentos de arenito, formados pela erosão. Há ali até mesmo uma espécie de cálice, um tanto parecido com este.

- Eu estava orgulhosa pensando que Deus só escolhera o Brasil para único cenário destas maravilhas.

- Sob alguns aspectos, creio mesmo que Vila Velha não encontra similar no Mundo inteiro.

- É uma glória para nós, não é, Irmã? Pena é que o Brasil não saiba explorar tantas riquezas turísticas. A maioria dos brasileiros ignora a existência de Vila Velha, não é?

- Sim, Ozitha.

- Irmã, se isto estivesse nos Estados Unidos, o que não fariam os americanos? Os brasileiros deveriam ao menos abrir uma estrada que circundasse toda Vila Velha. Uma estrada que passasse aqui perto do cálice, não é?

- Mas o Governo do Estado do Paraná vem cuidando muito bem de Vila Velha. Criou o Parque Estadual de Vila Velha. É um parque imenso. Depois nós iremos ver como é grande.

22 - O ADEUS DAS MINEIRINHAS

O cálice de arenito, imponente, majestoso, monumental, erguendo-se na parte extrema da ciclópica fortaleza, ao nascente, monta guarda, qual torre de mensagem, à velha Cidade de Pedra.

Perto, galgando a culminância, para o norte, derrama-se outro conjunto de edifícios, num cenário de magia e encantamento. Pinheiros, palmeiras, arbustos, rimando harmônicas estrofes, cantam o mais belo poema bucólico, para os namorados, para os turistas, que, prostrados pelo exaustivo passeio, sentam à sombra olímpica, num idílio de amor e num hino de ação de graças ao divino arquiteto desta incomparável metrópole de arenito.

As mineirinhas tomam conta da romântica paisagem. Elisabete levanta os braços e exclama para a Ir. Maria dos Anjos:

- Irmã, veja só que lugar bacana para um piquenique. Nós devíamos passar aqui um dia inteiro, cantando e tocando violão. Entoar uma serenata para acompanhar este festival de maravilhas.

Ronise agarrou o Paulinho, que andava já trepando numa árvore. Foi com ele atravessando as ruas, descendo até perto do Gavião. Convidou a Irmã para bater uma foto ao lado do garoto, a par daquele monumento semelhante a um gavião.

Enquanto isso, Júlia, Jane, Maria das Graças, Ana Lúcia e Ozitha, sentadas numa pedra, o olhar perdido sobre os escombros destas fortificações, ficaram pensativas, extasiadas. Almas emotivas, sempre a vibrar ao contato das maravilhas da natureza, evoluem para o céu um hino de reconhecimento ao sublime Arquiteto.

Almas sonhadoras, soltam exclamações e suspiros sobre a trágica beleza dos monumentos em frenética derrocada. Parecem contemplar as minas que sepultaram um ente muito querido. Ou, quem sabe, uma raça de gênios e de titãs que sucumbiram à vandálica invasão das hordas bárbaras, que mutilaram e arrasaram a artística Cidade de Pedra.

Ana Lúcia vê ali as torres de imensa catedral, a catedral da natureza, ao passo que Ozitha tem a visão pré-histórica de enorme manada de mastodontes petrificados, dorsos arqueados, membros partidos, de macabra e alucinante expressão.

O olhar de Júlia cai sobre as ameias e seleiras dos exóticos torrões.

Admira-lhes a magnífica florescência de pedra, com as mais lindas e variadas figuras.

Jane e Maria das Graças descobrem a paisagem egípcia, piramidal, esfíngica. As tropas vencedoras de Napoleão desfilarão...

A Ir. Bom Pastor chega perto, dizendo:

- Olhem, para lá existem outras maravilhas semelhantes. Aqui, nestes campos gerais do Paraná, é todo um reino da fábula. Depois iremos visitar a Lagoa Dourada e os Caldeirões do Diabo.

- Aonde, Irmã? A uns dez quilômetros daqui. Quem vai para Ponta Grossa. Fica perto do Parque Estadual de Vila Velha.

- Então vamos.

- Mas primeiro temos de visitar a Gruta, que fica por trás deste maciço. Em seguida trataremos de ver a Lagoa, os Caldeirões e a cidade de Ponta Grossa.

- Ponta Grossa, que bom Irmã!

- Pois é. Quem visita Vila Velha não pode deixar de conhecer a bela Princesa dos Campos. Principalmente, para ver a imagem de Nossa Senhora de Vila Velha.

- Nossa Senhora de Vila Velha, Irmã? Então existe Nossa Senhora de Vila Velha?

- Sim. Imagem benta pelo Papa Paulo VI e trazida de Roma por ordem de D. Antônio Mazzarotto, Bispo de Ponta Grossa, diocese a que pertence este lugar.

Quem trouxe foi o Bispo Auxiliar, D. Geraldo Miccheletto Pellanda. Eu quisera que vocês tivessem presenciado o triunfo com que o povo do

Paraná festejou a vitória das forças revolucionárias sobre o comunismo no Brasil.

- Como foi, Irmã?

- Um cortejo de mais de mil carros partindo de Curitiba, no dia 26 de abril de 1964, levou a imagem de Nossa Senhora até aqui e daqui para Ponta Grossa.

- Irmã, por que não deixaram a imagem aqui?

- Porque não há onde guarda-la. Vocês não viram à esquerda da entrada de Vila Velha uma cruz?

- Eu vi. - disse Lurdinha.

- Pois naquele local vai ser construída a igreja de Vila Velha. Enquanto a igreja não estiver pronta, a imagem de Nossa Senhora ficará na Catedral de Ponta Grossa... Pois é, mas vamos andando. Vamos ver a Gruta.

- Irmã, - falou Paulinho - eu sei onde é. Eu dormi lá esta noite.

- Dormiu na Gruta, Paulinho?

- Sim, com minha mãe.

- Não diga, Paulinho.

- É verdade, sim senhora.

- Escutem, meninas, vocês não querem subir ao platô?

- Queremos.

O curioso planalto de pedra parece um campo, totalmente limitado por paredões a pique. Não falta mesmo a vegetação, algumas palmeiras, pinheiros, arbustos, lindas folhagens, com desfiladeiros, canais... As alunas caminham, boquiabertas, abeirando-se do abismo, donde contemplam, lá em baixo, os turistas desfilando, entre os bárbaros monumentos.

Descem depois. Correm para outro fontanário para dessedentarem-se. São as três fontes artificiais que o governo do Estado preparou, trazendo de longe a água encanada.

Regressam ao ponto de partida, agora passando ao norte da avenida onde se ergue o navio. Aqui a freira-cicerone convida a turma a entrar numa espécie de casa, formada por enormes lajes, perto da Cabeça do Camelo.

- Se chover, a gente se abriga aqui muito bem, não é, Irmã? Que maravilha!

- Mas isto não é nada. Vocês vão gostar muito mais da Gruta.

Cruzam, então, perto da banca de venda de recordações. Paulinho vai à frente, puxando o garrido cortejo de garotas, atravessando o sombrio desfiladeiro. Saindo, metem-se pela trilha entre o paredão e a mata. Muitos turistas, indo e vindo, atrapalham a marcha.

Paulo vai contando a sua história. A história da sua fuga dramática com Sílvia, a mãe, que se encontra sozinha na mata, escondida, com medo do Porfírio. As mocinhas estão muito penalizadas. Quereriam socorrer a mãe e o filho. Prometem orações, muitas orações.

- Paulinho, Deus não deixará você e a mãezinha sem uma grande recompensa. Nós vamos rezar a Nossa Senhora de Vila Velha.

Todos entraram na caverna, naquele imenso subterrâneo onde pernoitaram o Paulinho e sua mãe. Como aconteceu para esta, as estudantes de Minas também sentem-se como que transportadas para o mágico cenário dos contos de fadas. Impressionante, esmagador, aquele fantástico ambiente, sob arcadas e abóbadas colossais...

Ana Lúcia, olhando para ao alto, e vendo as duas pedras pendentes, dá um pulo para o lado, soltando um grito:

- As pedras vão cair em cima da gente, Irmã!

- Não há perigo, Ana Lúcia. Estão muito bem presas. Mas vocês sabem de uma coisa? Faz pouco tempo, uma moça de Curitiba, filha de um rotariano, foi lá acima. Pisou sobre uma daquelas pedras, escorregou e caiu aqui, bem aqui. Era noiva. O noivo estava junto.

- Que horror! E morreu?

- Imaginem, desta altura.

- Coitadinha'

- Por isso, é melhor não irmos lá acima, está bem? Já é tarde. Vamos já visitar a Lagoa Dourada.

- Mas eu não pedi à minha mãe - diz Paulinho. - Não posso ir.

Todas se despedem do querido garoto, com infinita pena de deixá-lo naquela solidão.

A despedida, entre beijos e abraços, é dolorosa. O menino, que já se havia familiarizado com aquelas encantadoras estudantes, não pode conter as lágrimas. Mas logo se alegra porque recebe muitos presentes: pacotes de balas, bombons, frutas, bolachas e até dinheiro. Ele pensa logo na alegria que dará a sua mãe e esquece a dor da despedida.

- Ciau, Paulinho. Ciau, querido.

23 - A LAGOA DOURADA

Durou cerca de três horas o passeio de Paulo. Três horas longe da mãe. Sílvia, três horas longe do filho, na triste solidão da floresta. Sozinha, rezando e lendo a Bíblia, onde, qual garimpeiro, buscava o ouro do conforto, os diamantes da luz, as turquesas da esperança.

Jesus permaneceu três dias no sepulcro de pedra. Jonas, três dias no ventre do peixe. E eu, três dias sepultada na solidão da selva...

De quando em quando, recordava a onírica aparição do bugrinho. Não era supersticiosa, não acreditava em sonhos, mas a radiosa promessa daquele que se identificava como o anjo de Vila Velha, incutia-lhe, não há dúvida, certo bem-estar, uma boa disposição de ânimo, disposição que repelia o desespero e lhe aumentava a confiança nos sagrados textos da Escritura que lia.

Chegava mesmo a suggestionar-se. Suggestionar-se de que Deus premiaria de fato a sua dura prisão, a injusta perseguição, todo aquele sofrimento. De qualquer forma, depois de três dias, sairia daquela prisão. Deixaremos, eu e meu filho, de ser prisioneiros de Vila Velha.

Paulinho, ao chegar, trouxe novo alento, novo raio de esperança. O menino vinha radiante, feliz. Ele não sofria. Pelo contrário, descobrira um paraíso ali, entre as minas da velha cidade de pedra. Vivia aventuras e emoções que sua mãe jamais sonhara. Ninguém mais feliz do que ele. Os momentos que passara ao lado daquelas gostosas mocinhas de Minas Gerais, foram os mais deliciosos da vida.

Era de ver com que calor, com que vibração, com que brilho nos olhos, descrevia para a mãe a visita às belezas de Vila Velha e o carinho com que o mimosaram as queridas quartanistas do curso ginasial do Colégio *Sacre Coeur de Marie Coeur*, de Belo Horizonte.

Ao cair da tarde, mãe e filho subiram para a gruta, carregando o pequeno fardo da sua pouca bagagem. Paulo procurou logo, com infinita saudade, a sombra das mineirinhas, que já iam longe, em Ponta Grossa. Apurou o ouvido na vã esperança de escutar sua voz alegre, a voz mais linda do mundo. No ar, parecia que pairava ainda o extasiante perfume que se evolava de seus vestidos e de toda a sua fascinadora pessoa.

Sentia uma vontade louca de sair correndo atrás delas. Chamá-las para junto da mãe, a fim de que ela se convencesse de que realmente eram queridas aquelas garotas. Mostrar a elas a sua mãezinha...

Ao entrar na caverna, o rapaz contou à mãe o que ouvira da freira: a queda e a morte trágica da noiva curitibana.

- Viste, Paulinho? E tu também foste lá em cima, não é?

- Mas não fui até lá, não, mãe. Fiquei longe.

Ajeitaram a cama. Rezaram. Deitaram. O filho, deitado, continuou a narrar tópicos do seu inesquecível passeio com as garotas...

A noite já não lhes incutia maiores receios, embora o vento uivasse faminto pelos negros corredores de pedra e a coruja soltasse seu trágico pio agourento.

Paulo calou-se por fim e adormeceu. Dormiu regaladamente, após um dia de intensa atividade. Sílvia custou ferrar no sono. Ao contrário do filho, passara o dia praticamente inativa, sem movimento braçal, ela habituada à lida estafante da casa.

Quando o véu do sono veio fechar de maninho, timidamente, as janelinhas das pálpebras, entrou logo a sonhar. A princípio, sonhos extravagantes, com cenas horríveis em casa do Seu Porfírio. Sonhava e acordava. Adormecia e sonhava. O que deu a noite.

De madrugada, entretanto, o simpático bugrinho tomou a fazer sua agradável aparição. Falou e repetiu as palavras da noite anterior. As mesmas palavras. A mesma promessa. A mesmíssima promessa de felicidade. Um mundo de maravilhas. Ela cingiria a coroa real. Paulo herdaria o trono... Tão querido, aquele bugrinho!

O dia raiou formoso, numa orgia de luz e calor, dando ao mistério de Vila Velha tonalidades de magia e encantamento.

Sílvia e o filho levantaram. Desceram para junto do arroio. Lavaram-se na água límpida e gelada. Estenderam roupas sobre o úmido leito de folhas.

Sentaram e desjejuaram, comendo bolachas, frutas, doces. Paulo falou:

- Mãe, eu agora vou lá em cima.

- Já, meu filho? Que pressa.



- Sim, mãe. A senhora não quer vir junto?

- Não, Paulinho. Amanhã eu vou. Só amanhã, tá?

Era incrível a atração que o menino sentia por Vila Velha, não tanto por suas belezas naturais, que ele pouco podia apreciar, mas pelos turistas. As mágicas mineirinhas não lhe saíam da cabeça. Tão simpáticas, tão carinhosas, tão queridas!

Também não podia esquecer aquela generosa família paulista que lhe dera de comer no primeiro dia, que oferecera um banquete para a mãe. Os turistas emprestavam novo colorido aqueles monumentos de pedra. A erma paisagem vestia-se de cores e de vida. Por isso ela se tornava mais simpática ao garoto.

Naquele dia, entretanto, como era segunda-feira, o movimento turístico decrescera. Quando Paulo chegou à praça do estacionamento, a solidão reinava soberana.

Depois principiaram a chegar os primeiros carros. O rapaz escondeu-se para espiar se era o Seu Porfírio que chegava em busca da mãe.

Por volta das dez horas, estacionou um ônibus, de estudantes de Colégio Nossa Senhora das Dores, de Porto Alegre. Junto vinham dois Irmãos Lassalistas. Paulinho vibrou. Correu para eles, falando-lhes com a mais aberta confiança.

Prontificou-se a servir-lhes de guia.

Mas com os estudantes já vinha um caboclo que costumava aparecer por Vila Velha com o objetivo de ganhar um dinheirinho, guiando os turistas na visita à Cidade de Pedra.

Assim mesmo, o garoto foi muito bem acolhido pelos rapazes gaúchos. Fez logo amizade com todos. Narrou-lhes a sua história, a sua dramática aventura junto com a Mãe.



Às vezes o garoto prestava ótimas informações, respondendo a certas perguntas dos estudantes:

- O cálice? O cálice fica longe, lá no outro lado.

Paulinho achou que o caboclo era mais entendido do que a religiosa do Colégio *Sacre Coeur de Marie*. Referia coisas interessantes nas quais a freira nem sequer tocara:

- De sete em sete anos - esclarecia ele com tom de autoridade – aparece por aqui um bugrinho. Vem ver se os tesouros estão bem guardados.

- Que tesouros? - perguntaram os estudantes.

- Aqui foi enterrado um grande cabedal pelos jesuítas - informou o guia – E o índio velho é o encarregado de cuidar do guardado. Até hoje ninguém conseguiu descobrir o lugar do enterro.

Um estudante soltou uma gargalhada escarninha, troçando daquela ingênua credulidade do caboclo. Ele sentiu-se ofendido e confirmou:

- É verdade, sim senhor. De noite, especialmente às sextas-feiras, se reúnem aqui os fantasmas e não deixam ninguém se aproximar.

Paulo quis desmentir. Aquela história de visagens, de fantasmas, de aparições assustadoras, era tudo bobagem. Pois ele não dormira ali duas noites com a mãe sem ver nem ouvir fantasmas? Deu-lhe vontade de falar, de contrariar o caboclo, mas ficou calado, enquanto o guia falava:

- De sexta-feira, ouvem-se gemidos e lamentações. Coisas do arco da velha. Não tem quem não se assuste.

Quando, duas horas após, o garoto voltou para junto da mãe, levando comida que recebera dos estudantes, contou tudo quanto ouvira da boca do caboclo, aquela história do bugrinho, os fantasmas, o cabedal enterrado.

Sílvia estremeceu, num misto de admiração e alegria. Então aquele sonho tem seu fundamento. Sim senhor... Fez várias perguntas ao filho. Sentiu uma vontade doida de contar-lhe o sonho, de fazer-lhe observar como tudo ia correndo certinho. O bugrinho do caboclo era o bugrinho do sonho. Como não?

Deu-lhe vontade de contar, mas não contou. Não podia demonstrar ao filho que ela acreditava em sonhos. O menino podia até se assustar e não mais querer dormir na gruta.

Paulinho não deixou de notar o ar alegre no semblante da mãe quando lhe relatou a conversa do caboclo. Aproveitou a boa disposição da mãe para pedir um favor:

- Mãe, hoje de tarde eu vou com os estudantes gaúchos visitar a Lagoa Dourada. Posso ir? Eles me convidaram.

- Meu filho, não irás te encontrar com o Seu Porfírio?

- Não, mãe. Eu fico sempre cuidando. Se ele aparecer, eu me escondo.

- Escuta, filho, essa Lagoa Dourada onde fica?

- Perto, mãe. Vamos de ônibus. Depois os estudantes me trazem de volta.

- Está bem, filho. Vai com Deus.

Durante todo o percurso, os estudantes andaram entretendo o guri no ônibus, fazendo perguntas, contando para ele que o Rio Grande do Sul também é terra de maravilhas. Descreveram-lhe o Taimbezinho. Paulo ficou louco de vontade de conhecer aquela maravilha da terra da mãe.

O ônibus rolou pelo asfalto da atual BR-277 rumo de Ponta Grossa. Depois dobrou a esquerda, passando por entre florestas de pinheirinhos, de acácias, eucaliptos... Linda floresta cultivada, derramando um poema de cores e perfume.

A estrada, descrevendo uma curva para a esquerda, desceu, marginando pequena mata, dominada por alguns altos pinheiros, e no seio da qual se escondia a famosa Lagoa Dourada, ponto obrigatório no itinerário de qualquer visita ao Parque de Vila Velha.

Carros estacionados junto a pequena casa onde parou o ônibus. Dois guardas.

- Olhem lá a lagoa - gritou Paulinho, apontando para a esquerda.
- É mesmo. É dourada de verdade.
- Que maravilha! Vamos lá perto para ver.

Os estudantes saltaram do ônibus e abalaram, descendo e mergulhando no pitoresco arvoredo, de chão gramado, onde os turistas se detinham na contemplação daquele encanto da natureza.

À direita do sangradouro, as margens espraiam-se em terreno levemente inclinado, brindando olímpico recanto, onde o visitante se extasia em face da cristalina maravilha. Maravilha que entoa o mais belo cântico de poesia, de serenidade, de doçura, de paz, na tranquilidade das águas de ouro.

Lagoa de 300 metros de diâmetro e dois a três metros de profundidade, de forma arredondada, faz em esplêndido regaço de um pedaço de selva nativa, com acentuada depressão de terreno, sem rio algum para alimentá-la.

- Que maravilha! - exclamaram os rapazes. - Como pode ser assim dourada?

- A água - explica alguém - a água é cristalina. Água que vem lá das Furnas.

- E ela é sempre dourada assim?

- Não. Só quando o sol dá em cheio nela como agora. Pelo meio-dia e justamente quando se apresenta mais dourada. Ao cair da tarde,

quando as sombras das árvores encobrem as águas, a lagoa torna-se completamente azul. Bem azul como o firmamento.

- Reflete o azul do céu.

- Sim. Quando o céu está encoberto já não é dourada nem azul.

- Mas as outras lagoas não são douradas.

- Porque as suas águas não são cristalinas como estas.

- E por que estas são cristalinas?

- Porque, vindo lá das Fumas, infiltram-se através de rochas vulcânicas, tomando-as cristalinas.

Paulinho não ouvia as explicações. Aquilo pouco lhe interessava. Estava mas era muito entretido com os peixes.

- Olhe um vermelho. Que lindo! Não dá para pegar?

- Não. Aqui ninguém pode pescar nem tomar banho.

O garoto mergulhou a mãozinha direita na água. Logo soltou um grito:

- Os peixes me morderam a mão.

- Estão com fome, os coitadinhos. Vamos dar-lhes comida.

Um rapaz jogou na água um pedaço de pão. Um cardume de carpas, de vários tamanhos, rompeu sobre ele, abrindo a boca, emergindo a cabeça fora da água, ruidosamente, divertindo Paulinho, que batia palmas, gritando.

A um convite do Irmão Lassalista, que acompanhava a turma, os estudantes circundaram a lagoa pela margem esquerda, ao Sul, onde pequena trilha, estrangulada, caminha ao longo da barranca. Foram até onde um jato de água, brotando do barranco, saltava na lagoa.

Todos sentaram à sombra daquele bucólico poema, a contemplar a encantadora placidez daquele estendal de ouro líquido.

Corridos dez minutos, o Irmão, levantando-se, convidou:

- Agora vamos às Furnas, lá donde vem a água que alimenta esta lagoa.

O motorista dirigiu-se ao ônibus, e os estudantes, atalhando, subiram através da mata até a estrada, onde aguardaram o carro.

Rumando para o norte, por entre fechado bosque de pinheirinhos, cruzaram a rodovia, a atual BR-277, subiram, sempre à sombra lírica do poético arvoredo.

À direita, imensa clareira no campo abre duas gigantescas bocarras. São as FURNAS, os Caldeirões do Diabo, espantosa visão de belo terrífico, singular atração que completa o majestoso conjunto de maravilhas do Parque de Vila Velha. Inédito capricho da natureza, sem igual no mundo inteiro.

Os rapazes saltam do carro, perto de um letreiro, a cujos pés dois casais de semblante japonês posam diante de uma câmera filmadora.

Dá medo aproximar-se do abismo, com mais de cem metros de profundidade. Mas os estudantes se aproximam afoitamente. Olham curiosos para o caldeirão redondo, em terreno inclinado. As paredes de pedra, cortadas a pique, somem-se na água escura, a apenas alguns metros do campo. Uma espécie de trampolim parece convite para saltar e mergulhar no fundo negro da água.

- Para que o trampolim?

- Foram os bombeiros que armaram para descer e medir a profundidade. Desceram oitenta metros sem encontrar o fundo.

A pequena distância, outra fuma, com um bosque ao lado, abaixo do nível do solo, e de aspecto menos trágico. O terreno em redor, um gramal aprazível, não é inclinado como o da fuma anterior. Dentro do caldeirão, ao lado da água, o bosque inacessível atenua a truculência do abismo.

Os rapazes sentam na relva. E perguntam:

- Como se explica a origem destes caldeirões?

- Dizem que são vestígios de vulcões que existiram na região há cerca de vinte milhões de anos. Mas há quem avenge a ideia de um aerólito que teria explodido, vindo os estilhaços a provocar estas crateras. O certo é que a água destas furnas alimenta a Lagoa Dourada. Já fizeram o teste. Deitaram aqui substância corante que foi depois tingir as águas da lagoa.

24 – O PASSEIO DE SÍLVIA

Era quase noite, quando Paulo chegou para junto da mãe, que o esperava inquieta. Comeram do que o menino trouxera e que recebera dos estudantes gaúchos.

Depois subiram para buscar o abrigo da caverna, durante a noite. A terceira e última noite.

O rapazinho levou muito tempo para descrever o passeio à Lagoa Dourada e as Fumas. Depois acrescentou:

- Mãe, eu tenho muita pena da senhora que não vê nada.

- Pois é, Paulo. Mas e o Seu Porfírio?

- Ele não vem aqui, mãe. Eu nunca vi ele. Amanhã a senhora vai sair comigo, não é mesmo?

- Sim, meu filho. Amanhã irei contigo. E agora vamos dormir, sim?

O vento miava seus tristes lamentos. Paulo lembrou-se dos fantasmas de que lhe falara o caboclo. Teve medo e encolheu a cabeça, aconchegando-se ao seio materno. Pouco depois adormeceu.

Sílvia passou horas em claro. O dia inativo roubara-lhe o sono. Mas o repouso no verde silêncio da mata, juntamente com a edificante leitura dos Evangelhos, trouxera-lhe disposição de ânimo, um bem-estar inefável. Um conforto espiritual. E uma vontade doida de correr mundo, de praticar heroísmos de caridade.

Não há nada como três dias de descanso e meditação, a sós com Deus e a natureza - dizia ela de si para si. - Até o Paulinho saiu para me deixar completamente isolada. Aqui, neste ambiente agreste de paz, a gente reflete com toda a calma. Pensa em Deus. Pensa na maldade dos homens. Pois é não adianta ser mau como o Seu Porfírio. Coisa triste a avareza, mãe de todo os vícios!

Como são admiráveis os caminhos do Senhor! Foi preciso que um avarento me expulsasse de casa, me condenasse a esta prisão, para encontrar, junto das maravilhas da natureza, a caridade dos homens. Avarento eu só encontrei um. Mas quantas almas generosas não encontrei aqui? Como foram caridosas para comigo e meu filho! Ah, não vejo a hora de sair desta prisão para agradecer a Deus o milagre que me fez.

Quero passar o resto de meus dias auxiliando os necessitados, dando de comer a quem tem fome, dando de beber a quem tem sede, vestindo os nus, visitando os enfermos e encarcerados. Sim, porque agora compreendo realmente o que seja sofrer perseguição e fome. Só quem sofreu perseguição e fome como eu, poderá avaliar a grandiosidade de quem alimenta um faminto, de quem conforta um sofredor.

Amanhã, se Deus quiser, sairei daqui. Irei em busca de serviço. O Seu Porfírio, a esta altura, já andarás desanimado de me descobrir. Tenho fé em Deus. Sei que ele não me recusará seu poderoso amparo. Não abandona quem põs nele a sua confiança. Ele, o amigo dos fracos e dos oprimidos.

Eu só peço a Deus saúde e uns anos de vida, para entoar um hino de gratidão aos céus, praticando a caridade evangélica, auxiliando os irmãos necessitados, confortando e soerguendo os que tombaram como

eu na estrada pedregosa e barrenta da vida. Assim, só assim, poderei pagar a caridade que tiveram comigo.

Com estes pensamentos, Sílvia adormeceu. Já mais habituada ao duro leito, a alma confortada e esperançosa, dormiu descansadamente. Dormiu sem sonhos até a madrugada. Depois sonhou. Sonhou com o bendito bugrinho, que tornava a confirmar sua radiosa promessa de felicidade, no palácio real, junto com seu filho, o príncipe herdeiro...

Acordou com o clarear do dia. Acordou alegre como os passarinhos que, lá fora, salmodiavam suas matinas. Despertou o filho:

- Paulinho, vamos levantar. Hoje eu quero ir contigo ver as maravilhas de Deus.

- Que bom, mãe! A senhora vem mesmo comigo? Eu vou mostrar o Cálice de Pedra, o Camelo, a Tartaruga, os Castelos. A senhora vai ver que lindo.

- Pois é, Paulo. Vamos rezar primeiro. Depois deixamos a mala no acampamento. Depressa, antes que cheguem os turistas.

A manhã surgira esplêndida, o sol muito brilhante, acalentador. No ar fino pairava suave perfume agreste. Pássaros cantavam festivamente. Um poema de claridade, de aromas, de música, cantava dentro e fora do coração de Sílvia, transfundindo-se para a alma inocente do filho.

- Mãe, eu quero levar logo a senhora para perto do cálice, lá no outro lado. Vai ver que lindo.

Fecharam a mala, cobriram com folhas e ramos verdes, no pequeno acampamento.

Subiram em direção à gruta. Turista algum quebrava a quietude da soledade. Apenas se escutava o ronco dos carros longe, na estrada.

- Paulo, - falou Sílvia - eu ainda estou com certo receio de me encontrar com o Seu Porfírio. Por isso, não vamos passar pela praça do estacionamento. Vamos aqui pelos fundos.

- Sim, mãe. Por aqui é mais perto para chegar ao cálice.

Estreito caminho circundava a muralha da fortaleza. Os dois meteram-se por ele, andando rumo do sudeste, à sombra das árvores, descobrindo novos aspectos, novos desfiladeiros, outras furnas.

Paulo não conhecia aquele caminho, mas afiançava que iria terminar no campo, onde a muralha dobrava para o norte, nas proximidades da Esfinge e do Cálice de Pedra.

Realmente, após regular caminhada, deu de rrear o arvoredo, surgindo logo depois a clareira do campo, com isolados blocos de pedra, colunas, pilares, brindando pitoresco recanto para românticos idílios e olímpicos piqueniques.

Paulo sai correndo pelo gramal, gritando:

- Olhe lá o Cálice, mãe.

Agarrou Sílvia pela mão, puxando para que estugasse o passo.

- Esta é a Esfinge, mãe.

- Como é que sabes, filho?

- A freira disse e também está escrito ali numa tabuleta, perto. Venha ver. Sílvia aproximou-se, encostou a mão na pedra fria daquela estranha figura.

- Aquela é a Bota, mãe. Bonito, não é?

- Muito lindo! Fantástico!

- Vamos lá perto do Cálice. Lá é muito mais lindo.

E o pequeno cicerone, com ares de entendido, orgulhoso, foi levando sua mãe por todos os recantos. Mandou que ela subisse para o pedestal do Cálice. Mostrou depois o Gavião, a Tartaruga, os Castelos Medievais. Subiu com ela para o planalto. Desceu, atravessou a avenida, que o Navio vai singrando. De longe, apontou para a Cabeça do Camelo.

Sílvia estava encantada. Mas não quis prosseguir, porque notou a presença de vários turistas. Não vá aparecer agora por aqui o Seu Porfírio.

E foi regressando pelo mesmo caminho. Passando diante da Esfinge, descansaram À sua sombra. Meia hora sentados na relva, olhando longe a serpente sinuosa da estrada. Carros vindo de Curitiba. Carros vindo de Ponta Grossa. Indo para Curitiba. Indo para Ponta Grossa.

- Olha, Paulo, um caminhão igualzinho ao caminhão do papai. Coitadinho o papai.

- Mamãe, será que eu não verei mais o papai?

- Só no céu, meu filho.

- Só no céu?

- Só, Paulinho.

25 - O ANJO

Por volta das onze horas, Sílvia e Paulo chegaram ao acampamento, cansados e famintos, famintos e cansados.

- Mãe, eu não posso mais de tanta fome.

- Eu também, filho.

- Então eu vou pedir comida, tá?

- Leve o dinheiro.

- Não precisa, mãe, as turistas nunca aceitam.

- Boa gente! Parece que Vila Velha só atrai gente boa. Decerto e por isso que o Seu Porfírio não põe o pé aqui. Escuta, Paulo, vai buscar um pouco de comida, que depois sairemos daqui. Vamos embora para sempre.

- Para onde, Mãe?

- Para as bandas de Ponta Grossa. Pediremos carona aos turistas.

- Que bom, Mãe! Eu já vou. Volto em seguida.

Ao meio-dia, grupos de turistas almoçavam à sombra das árvores e dos monumentos de pedra. Paulo aproximou-se de um senhor que fazia sua refeição ao lado de uma menina de uns oito anos. Flor de garota aquela criança, de grandes olhos negros e longos cabelos, negros como azeviche.

A menina olhou atentamente para o garoto que se avizinhava a medo. Notou-lhe no semblante a fome e o sucumbimento. Gostou dele. Teve pena dele. Convidou:

- Vem cá, menino. Está com fome, não é?

- Sim, eu queria comprar um pedaço de pão para mim e para minha Mãe.

Liane, comovida, levantou-se do chão, tomou a mãozinha de Paulo e pediu que sentasse para comer. Gabriel, o pai de Liane, perguntou:

- Onde está sua mãe, rapaz?

- Ali no mato.

- Vocês moram aqui?

- Não. A mãe veio aqui se esconder. O Seu Porfírio queria matar ela. E, respondendo as perguntas, Paulo, enquanto comia avidamente, contou a sua dramática história. A dramática história que penalizou fundamente a menina.

- Pai, vamos levar este rapazinho para nossa casa?

- Mas ele tem mãe, Liane.

- Então vamos ver a mãe dele?

- Eu gostaria de conversar com ela só para saber se é mesmo verdade o que este garoto conta.

- É verdade, sim - confirmou Paulo. - Vamos lá ver a Mãe.

- Sim, menino, nós vamos lá ver tua mãe - respondeu Liane.

Terminaram o almoço. Ela fez um pacote com comida para levar a Sílvia. Guardaram a mala no carro. E, seguindo a Paulo, dirigiram-se para o acampamento da viúva, no mato.

O garoto chegou primeiro anunciando com imensa alegria aquela visita.

Sílvia levou um grande susto e quis fugir. Imaginou que era o Seu Porfírio que vinha prendê-la. Mas acalmou-se logo ao ver aquele senhor acompanhado por linda menina.

Liane entregou o embrulho da comida, que Sílvia agradeceu com lágrimas nos olhos. Quanta bondade! Quanta generosidade!

Enquanto ela se alimentava, Gabriel e sua filha formularam várias das perguntas. Ficou assim esclarecido tudo quanto ouviram dos lábios do rapazinho.

- A senhora vai continuar a viver neste mato? - perguntou Gabriel.

- Não, senhor. Hoje mesmo pretendo sair daqui para ir em busca de serviço em alguma parte.

- Viu, pai, - disse Liane, - Vamos levá-los para nossa casa. Assim eu tenho um companheiro para brincar.

- Neste caso - falou Sílvia - se passarem por Ponta Grossa, eu aproveitaria a condução para ir aquela cidade. Ali decerto encontro onde trabalhar.

- Não - insistia Liane - a senhora vem para nossa casa em Londrina.

- Moram em Londrina? Meu falecido esposo esteve lá várias vezes com seu caminhão.

- Pois é - disse Gabriel- querendo, pode vir conosco até Londrina. Lá encontrará facilmente um bom emprego.

- Não, papai. Ela e o menino podem ficar em nossa casa. Queres, não é, Paulinho?

- Se a mãe quiser.

- Claro que a mãe quer. Que bom! Aí nos vamos brincar juntos, tá?

26 - EM LONDRINA

Paulinho pulou de alegria. Ajudou a mãe a guardar na mala a roupa que servia de cama. Liane também ajudava, num grande contentamento.

Ela era igualmente órfã como Paulo. Órfã de mãe. Como Paulo, não tinha a companhia de um irmão, de uma irmãzinha. A coitadinha, faltou-lhe cedo o carinho materno.

Mantinha agora a ilusão de que Deus lhe mandava aquele lindo garoto loiro, de olhos azuis, para companheiro. Colocara-o no caminho de sua vida, naquele recanto de sortilégio, ao lado das mágicas belezas de Vila Velha. Uma amizade que surge de repente no momento épico, quando os encantos nos empolgam a alma, e amizade que entra pela vida a dentro. É amizade que nasce para nunca mais morrer.

Liane agarrou a mãozinha do garoto. Subiram apressados para onde se encontrava estacionado o novo e lindo carro preto de Seu Gabriel, um flamante Simca Presidente. Um luxuoso carrão da época.

Sílvia nem sequer olhou para os numerosos turistas, só de medo de ver ali o Seu Porfirio. Até o luxuoso carro preto, como o carro do avaro patrão, pôs-lhe arrepios na alma.

Embarcaram. Sílvia acomodou-se confortavelmente no fofo assento traseiro; Liane e Paulo, no dianteiro, ao lado do pai da menina, que fazia de motorista.

O automóvel disparou, saltando pouco depois no asfalto da rodovia federal. Atravessando os bosques do Parque, Paulo mostrava à sua mãe onde ficavam as Furnas e a Lagoa Dourada, que ele visitara no dia anterior.

De repente, Liane teve uma ideia fantástica:

- Pai, vamos olhar de novo a Lagoa Dourada e as Furnas? Assim a mãe de Paulinho também pode conhecer.

Gabriel obedeceu. O menino ficou tão contente de poder mostrar à mãe aquelas duas atrações, complemento das maravilhas de Vila Velha. Devia aquele imenso favor a Liane. Tão querida a Liane!

- Em Ponta Grossa - falou o menino - vamos ver Nossa Senhora de Vila Velha. É na Catedral.

- Como é que sabes, Paulo?

- Foi a freira que disse. A freira da excursão das estudantes.

E assim, Graças à esperteza do garoto, puderam todos conhecer a linda imagem de Nossa Senhora, Mãe dos Homens, benta pelo Papa Paulo VI.

Naquela mesma tarde, Londrina acolhia com sorriso a Paulinho e sua mãe. Londrina, a cidade do trabalho e do progresso, que surgiu como por encontro, prodigiosamente, vertiginosamente, cidade cujo nome britânico recorda o berço dos seus fundadores, abria agora suas portas para mais duas criaturas que vinham em busca de trabalho.

A metrópole mundial do café, que assenta seus blocos arquitetônicos sobre espessa camada de barro vermelho, com seus imensos flamboians floridos, parecia om convite sedutor. Um convite para o descanso. Um convite para o trabalho.

Aqui não me faltará serviço - pensava Sílvia, ao contemplar boquiaberta o incrível movimento de Londrina, a Capital do Norte do Paraná fundada em 1929 por um grupo de ingleses chefiado por Lord Lovat, e emancipada em dezembro de 1934.

Na época, nada menos de doze aviões decolavam diariamente do seu aeroporto. Trezentos ônibus partiam todos os dias transportando passageiros em direção dos quatro ventos. Cerca de cem taxis aéreos estavam a serviço dos cafeicultores. De um deles era proprietário o pai de Liane.

- Paulinho, - dissera-lhe a pequena durante a viagem - depois nós vamos passear de avião. Vai visitar a fazenda de táxi aéreo do papai.

- Que bom, Liane! Eu nunca andei de avião.

- É tão lindo, Paulo! De lá de cima, as casas parecem de brinquedo. Os caminhões parecem galinhas...

Vinte e quatro estabelecimentos bancários negociavam na época a imensa produção agrícola de Londrina, produção que ultrapassava os quinze bilhões de cruzeiros. Catorze emisoras de rádio e uma de tevê falavam, promovendo o progresso e os interesses sociais desta prodigiosa capital do trabalho. Seu povo orava em onze templos católicos, vinte protestantes e cinco espíritas.

Gabriel, o pai de Liane, senhor de imensos cafezais, morava num vasto e moderno palacete, sombreado por graciosos flamboians, cercado de canteiros de flores, dando ao ambiente tonalidades aristocráticas de lenda e sonho, num ambiente embriagado de cores e perfumes.

Nos fundos do quintal, numa casa modesta, de um só andar, moravam as duas empregadas do Seu Gabriel. Havia ainda dois quartos desocupados. Num deles hospedou-se a viúva com o filho.

Sílvia, ao entrar, caiu sentada na cama. Ergueu os olhos e as mãos para o alto, exclamando:

- Paulo, graças a Deus! Até que enfim romperam-se os laços de nossa prisão. Deus nos libertou das garras de um avaro. Aqui, tão longe de Curitiba, o Seu Porfírio jamais nos descobrirá. Deus seja louvado!

Rosa e Ângela, as empregadas, duas gordas mulatas, não gostaram do gesto do seu patrão, recebendo em casa aquela mulher com o filho. Não gostaram, especialmente, por causa da extraordinária beleza de Sílvia. Ao lado delas dir-se-ia uma princesa. Uma linda princesa. Princesa não trabalha de empregada. Aqui não é lugar dela - diziam as duas.

À noite, Rosa perguntou ao Seu Gabriel:

- Aquela mulher vai ficar morando aqui. Seu Gabriel?

- Não. É só por um dia ou dois. Eu amanhã vou procurar colocação para ela na cidade.

- Sim, porque aqui não tem serviço para ela.

- Não é só isso. É que ela tem o filho.

27 - LIANE ADOECE

No dia seguinte, às escondidas de Liane, o seu Gabriel, após exaustiva busca, encontrou um emprego para Sílvia e seu filho.

Enquanto o pai andava pelo centro da cidade a menina, convencida de que Paulinho e sua mãe ficariam morando com ela, vivia numa alegria infinita. Levou o garoto por todos os cantos. Mostrou-lhe seus

brinquedos. Fê-lo andar no seu automóvel de brinquedo. Brincou nos balanços do pátio. Andou pela cozinha, sempre sob o olhar carrancudo das empregadas.

- Viu, Rosa, - dizia ela apresentando Paulo. - Ganhei um irmãozinho. Ele e sua mãe vão ficar morando aqui.

A serviçal não respondeu, mas teve ímpetos de pular sobre o garoto, dar-lhe um pontapé, julgá-lo à rua, ele e sua mãe. Quis responder a Liane: Mentira, teu pai disse que hoje ainda eles vão embora daqui.

E foram mesmo. No terceiro dia, Gabriel entregava Sílvia e Paulo a um amigo que lhe deu hospedagem em troca de serviços domésticos.

Ninguém pode calcular a dor de Liane. O desespero incrível da pobre menina. Entrou a chorar inconsolavelmente. Chorou, chorou o que deu o dia, o que deu a noite. Não almoçou. Não jantou.

De manhã estava com febre e fortes dores nas costas. Veio o médico. O médico não descobriu doença alguma.

Misterioso, aquilo. Depois, notando que a pequena, no delírio da febre, só chamava por Paulinho e sua mãe, declarou ao pai que então a enigmática enfermidade trazia decerto origem psicológica. Enfermidade que talvez a presença do garoto e de sua mãe poderia curar.

O mal continuou agravando-se, assustadoramente, causando enorme inquietação na alma do pai, que já não sabia a que meios recorrer.

Liane delirava e nas exclamações do delírio clamava por Paulinho. Dizia que só a mãe dele poderia valer-lhe e salvá-la das garras da morte.

Gabriel não teve outro expediente. Foi buscar Sílvia. Foi a contragosto e sob os resmungos das invejosas empregadas.

O sol iluminou o quarto da pequena enferma quando a mãe de Paulo entrou. Liane levantou a cabeça, sorrindo, muito feliz. Parecia um milagre, um milagre que tivesse curado a garota.

A viúva, retirando-se do quarto da paciente, chamou de lado seu pai e falou em voz baixa:

- Seu Gabriel, Liane está com uma grave enfermidade, sabe?

- O que, Sílvia? Por amor de Deus?

- O médico não disse nada?

- Não, Sílvia. O que é que a menina tem, hem?

- Seu Gabriel, os sintomas são todos de varíola.

- Varíola, Sílvia?

- Pois é. Meu filho também teve. Eu cuidei dele e conheço bem a doença.

- Sílvia do céu, a senhora não quer então cuidar de minha filha?

- Seria a maior honra para mim. E assim poderei também pagar um pouco o grande benefício que me fez.

- A senhora não me deve nada, Sílvia. Mas pagar-lhe-ei da melhor maneira que puder se salvar minha filha, o único tesouro que ainda me resta neste mundo. Perdi minha esposa e se agora morresse esta filha, não sei o que será de mim.

- Seu Gabriel, pode ficar descansado. Como salvei o Paulo, também salvarei sua filha, com a ajuda de Deus.

Realmente, no dia seguinte o médico confirmou o diagnóstico: Varíola. Liane está com Varíola.

A notícia soou tragicamente no palacete. Rosa e Angela ficaram petrificadas, olhando uma para a outra, feito bobas.

- Coitadinha da Liane!

- A culpada deve ser aquela peste de mulher agora que fique ela cuidando da guria. Tomara que lhe pegue a doença. Pegue a doença e morra de uma vez.

- Deus me perdoe, mas é isso mesmo o que ela merece. Que morra para não incomodar mais ninguém.

- Ela e seu filho.

- Deus me perdoe, mas era bem feito.

O médico proibiu terminantemente qualquer visita a pequena enferma, a fim de evitar o contágio da terrível doença.

Sílvia, Sílvia tão somente, entrava no quarto. Horas a fio à cabeceira de Liane. Dia e noite cuidando da querida menina, com admirável dedicação, com heroica solicitude, sem se importar com o risco de contágio. O que ela queria era salvar a menina.

O pai aparecia duas ou três vezes por dia. Embora vivendo aquela incrível angústia, confiava em Deus e nos carinhosos cuidados de Sílvia.

Paulinho só viu Liane uma vez no leito de enferma. Depois nunca mais voltou ao palacete. Nunca mais. Longe da mãe e da menina, sofria o coitadinho. Rezava com encantadora confiança, pedindo a Deus que a curasse. Que a curasse e que ele pudesse brincar com ela.

A doença andou seus trâmites, com altos e baixos. Liane, na presença de Sílvia, suportava com admirável paciência as terríveis dores. Sentia-se bem com o carinho daquela bondosa mãezinha, com o bálsamo de seus cuidados, de suas palavras. Por vezes, dizia:

- Eu vou pedir ao papai para a senhora ser minha mãezinha.

- Minha filha, eu não sou tua mãe, mas quero-te como se fosses minha filha muito amada.

- Que bom se a senhora fosse minha mãe e o Paulinho, meu irmãozinho!

28 - O PRÊMIO DE Sílvia

Sílvia não arredava pé da cabeceira da cama da enferma. À noite quase não dormia. Passava horas em claro, curando as feridas, mudando a roupa, lavando os lençóis, as fronhas, sempre cobertas de pus. As duas empregadas, receosas de contrair a doença, não entravam no quarto e nem sequer lavavam a roupa de Liane.

A pobre viúva era quem arcava com todos os trabalhos de enfermeira e de médica, enfrentando impávida o risco de cair de cama vitimada pela varíola. Não cessava de orar, pedindo aos céus a cura daquele anjinho, o anjinho que a libertara da prisão de Vila Velha.

Decorrera já quase um mês, quando a menina principiou a recuperar-se. Graças a Deus, as feridas, que lhe haviam desfigurado o rostinho e todo o corpo, cicatrizaram, não deixando sequer um sinal. Parecia um milagre.

O pai ficou tão contente, tão contente, que pensou numa grande recompensa para Sílvia, que lhe havia salvado milagrosamente a filhinha, a sua única filha.

Um dia, sentado, com ela no colo e olhando com infinita simpatia e gratidão para Sílvia, ouviu ele dos lábios inocentes da criança estas impressionantes palavras, que provocaram uma autêntica transformação em seu espírito:

- Pai - disse a garota com carinhoso acento de voz - eu queria que Sílvia fosse minha mãe e Paulinho, meu irmãozinho.

- Queres, minha filha?

- Quero, pai. Eu gostaria tanto. Ela foi tão boazinha comigo! Aqui ninguém vinha cuidar de mim. Ninguém me visitava. Só a mãe do Paulinho. Só ela. Por isso eu queria que a mãe dele fosse também minha mãe. Eu que não tenho mãe.

Gabriel estava tão encantado e tão agradecido que não recusaria atender ao maior pedido da filha, em favor de Sílvia. Mesmo que fosse a metade da sua fortuna. Sim, estava disposto a executar ao pé da letra a mínima vontade de Liane.

Levou o resto do dia e quase toda a noite pensando em como satisfazer àquele inesperado pedido da filha.

No dia seguinte, conversou longamente com Sílvia, logo depois de haver-lhe oferecido o mais lindo vestido. Vestido que ela envergou em seguida, para agradar a Liane e a seu pai.

Sílvia estava tão encantadora naquele lindo traje de princesa! A cabeleira muito loura, os olhos azuis, muito vivos. Gabriel descobria-lhe agora mil encantos que antes passavam despercebidos.

Descobrirá até naquela jovem mulher alguns traços fisionômicos de sua falecida esposa, a esposa que lhe dera uma filha, a esposa que tanto amou e pela qual prometera permanecer viúvo o resto da vida.

Mas Sílvia, naquele belíssimo traje, bem penteada, era de fato mais elegante, muito mais elegante do que Regina, a mãe de Liane. Muito mais simpática. Muito mais glamorosa. Possuía uma beleza virginal, que os sofrimentos e as trabalhadeiras não alteraram. Uma beleza de peregrino frescor de lírios e rosas. Beleza que permanecera oculta como violeta e que os olhos profanos não gastaram. Sim, uma beleza que os salões mundanos não profanaram com olhares de malícia e pecado. Uma beleza que aguardava uma oportunidade para revelar-se...

Gabriel comprou-lhe outros belíssimos vestidos. Com o melhor de todos, saíram os quatro num domingo. Foram à missa na catedral.

Sílvia parecia uma estrela de cinema. Havia homens, mulheres, havia rapazes, moças e até crianças, que ficavam parados para contemplar, de boca aberta, aquela belíssima senhora. Uns afirmavam jamais ter visto mulher tão encantadora. Uma autêntica rainha. Uma rainha que aparecia como por artes mágicas, como que tombada do céu.

Gabriel lançara mão desta experiência para sondar a opinião pública. Ele desejava saber o que diriam seus amigos, seus parentes. Que comentários cairiam dos lábios do povo, se ele tentasse casar com Sílvia? Sílvia, a humilde empregada, uma viúva com um filho, casando com um dos homens mais ilustres e ricos de Londrina.

Para ele, é verdade, não havia desdouro algum em casar com mulher pobre e viúva. Não, não havia desdouro. Mas não podia decepcionar o público, os parentes, os amigos, em geral tão exigentes e linguarudos nestes assuntos.

Agora, ele estava satisfeito. Sílvia, desconhecida na cidade, após o teste foi logo considerada como pessoa de alta nobreza, de berço opulento, educado e culto.

Gabriel assumira solene compromisso para com sua idolatrada filha, órfã de mãe havia quase cinco anos. A coitadinha, sem amor, sem carinho, passando a maior parte do dia longe do pai, sem a companhia de um irmãozinho, à mercê das empregadas. Sem o suficiente amor, sem alegria, cresceria estiolada, com inúmeros complexos, neurótica, anormal. Tinha farto e esquisito alimento, morava em palácio de ouro, mas faltava-lhe o alimento do espírito e do coração.

A Sílvia, Gabriel, por outro lado, devia a cora milagrosa de Liane, a cura daquela horrível doença infecciosa, que lhe deixara o terno corpinho numa pústula viva.

Agora, afastado o risco de um escândalo popular, premido pelo amor e educação da filha, fascinado pelos encantos naturais e dotes de espírito da jovem viúva, principiava a sentir um verdadeiro e grande amor pela mãe do Paulinho. A vida sorria-lhe outra vez como um sonho mágico de eterna felicidade, justamente como sentia no ardor da mocidade, quando surgira nele o fogo do primeiro amor. Dava até graças a Deus por reeditar a ventura daqueles verdes e risonhos anos que já se apagavam nas brunas do passado.

Por outro lado, o seu belo amor deu de ser correspondido admiravelmente. Um mútuo amor tão intenso, tão ardente, que dir-se-iam dois jovens apaixonados que se amavam pela primeira vez.

Liane e Paulinho contemplavam com indescritível satisfação aquele sagrado amor que em breve faria deles dois irmãos muito queridos.

O noivado, duas semanas depois, resultou numa linda festa íntima, íntima, porém sobremaneira comovente. Estavam presentes apenas Liane e Paulo. Reunidos na sala, Seu Gabriel tomou nos braços sua filhinha. Foi com ela para junto de Sílvia e disse, dando-lhe um beijo:

- Minha filha, teu pedido foi aceito. A mãe de Paulinho será tua mãe. Depois, aproximando-se do garoto:

- Liane, dá um grande abraço e um grande beijo no Paulinho. Ele será teu irmão. Sim, teu irmão, minha filha, porque hoje eu resolvi casar com sua mãezinha.

Enquanto as duas crianças se abraçavam e se beijavam, Gabriel retirou do bolso uma caixinha de veludo azul. Abriu, e duas grandes alianças de ouro puro brilharam como chamas. A pedido, Liane retirou a menor e a colocou no dedo da mãe de Paulinho. Este, a seguir, pegou da outra e colocou no dedo do pai de Liane.

Feito isto, Sílvia e Gabriel abraçaram-se e se beijaram com infinita efusão, num grande e apertado abraço, num prolongado e quente beijo, sob os calorosos aplausos das duas crianças, que vibraram num delírio de contentamento. Elas viviam o momento mais feliz de sua pequeninha existência.

As duas empregadas, que, ignorando a finalidade, haviam trabalhado o dia e a noite anterior preparando a festinha, com doces e bolos, ficaram agora com a cara mais triste do mundo.

- Rosa, e agora? Que será de nós, hem?

- Não sei, Ângela. Eu acho que vou fugir antes que esta mulher me bote pra rua.

- Mas, escute, Rosa: será que ela sabe o que nós falamos dela?

- Claro que sabe.

- Escute aqui. Vamos fingir que nada dissemos, tá? Pode ser que ela não se importe com nossas besteiras, não é?

- Isso mesmo. Vamos tratá-la muito bem. - Em último caso, pediremos desculpa.

29 - RAINHA

Corridos vinte dias, celebrou-se o casamento, com uma cerimônia solene, embora com poucos convidados, durante a missa na Catedral de Londrina.

Gabriel e Sílvia comungaram. E, um de cada lado, em alvíssimo traje, comungaram Paulo e Liane, fazendo assim a sua Primeira Comunhão.

A cerimônia emocionou profundamente a todos, até o próprio celebrante, o Sr. Bispo, D. Geraldo Fernandes, que proferiu comovedora oração, implorando bênçãos copiosas para os nubentes e seus queridos filhos.

Foi comovente. Muitos choravam. Quem mais chorava era a legação que viera de Curitiba e do Passo do Socorro. Os pais e irmãos de Sílvia e os pais e irmãos do pranteado herói Rafael de Oliveira.

Acontece que Gabriel e Sílvia enviaram dois carros para conduzir até Londrina as duas famílias. As famílias que, até aqui, ignoravam por completo tudo quanto acontecera a Sílvia e seu filho. Ignoravam todo aquele terrível drama da fuga da casa do patrão. A prisão de Vila Velha. O sonho de Sílvia, recebendo a radiosa promessa do bugrinho, o guardião daquela fortaleza. E por fim, o brilhante coroamento de toda esta aventura, com o casamento de Sílvia...

Imaginem a alegria do Seu Ernesto Paganella e sua família. A alegria do Seu Antônio de Oliveira e sua família. Nunca ninguém poderia imaginar que Sílvia e seu filho, após tanto sofrimento, após tantas aventuras, pudessem chegar a um desfecho tão surpreendente, tão soberbo, tão sublime...

Sílvia durante a cerimônia, não parava de enxugar as lágrimas. Chorava rezando. Rezava chorando. Senhor, - dizia após havê-lo recebido na Sagrada Eucaristia - Senhor, eu Não sou digna de tanta ventura. E a vossa infinita bondade, a vossa infinita misericórdia, que devo tamanho milagre. Tirastes-me das baixezas da servidão, das sombras da selva, da condenação à morte, para fazer-me esposa do rei, para viver ao lado deste anjo que traz o nome do arcanjo São Gabriel, em seu palácio, onde nada me falta para bem Vos servir.

Por vias misteriosas - continuava a prece de Sílvia - me conduzistes à solidão da mata, por trás da qual se escondiam as maravilhas de Vila Velha. Estas maravilhas da natureza atraíram almas generosas que me alimentaram nos agros dias de exílio e solidão. Foram estas maravilhas que guiaram os passos do anjo que hoje me entregais para companheiro de jornada.

Mais prodigiosas, - concluía a prece de Sílvia - mais deslumbradoras do que as maravilhas de Vila Velha, são as maravilhas do vosso paternal coração, da vossa imensa bondade para com esta humilde serva. Quem dedicar o resto de meus dias num hino de ação de Graças, em obras de caridade, especialmente em favor dos que sofrem injusta perseguição...

No dia seguinte, um domingo esplendoroso, a natureza fulgia em lirismos inéditos, os longes esboçando aquarelas, com cantos de pássaros, perfumes inebriantes, risos de crianças...

O automóvel Sinca Presidente, Gabriel ao volante, ao lado de Sílvia, e, no assento de trás, os dois felizes garotos, mergulhou festivamente no oceano de luz, de cores, de aromas, de músicas,

seguindo, em viagem de núpcias, para São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Regressando por Belo Horizonte, Paulinho fez questão de visitar o Colégio *Sacre Coeur de Marie* e apresentar a Ir. Maria dos Anjos e as estudantes quartanistas do curso ginasial, suas queridas amiguinhas, apresentar sua mãe, seu pai e contar-lhes toda a história de epopeia que acabavam de viver. Juntos posaram para uma foto colorida, carinhosa recordação da graça inenarrável que os votos e as preces das mineirinhas lhes alcançaram, tão prodigiosamente, tão encantadoramente.

E agora, Sílvia, rainha daquele nobre coração e daquele palácio de ouro, senhora de milhões, com dezenas de talões de cheques bancários à disposição, vai iniciando sua prodigiosa epopeia de atividades como esposa exemplar, mãe amorosa, toda solicitude, toda ternura, toda dedicação para com Liane, a extraordinária menina que a tirou da miséria e da prisão, a menina que agora vive num céu de felicidade, ao lado a mãezinha querida, do maninho querido.

Reparando os sofrimentos que ela suportara como empregada do cruel e avaro patrão, Sílvia principiou a dispensar os mais carinhosos cuidados às duas empregadas, antes ciumentas e linguarudas, tratando-as como se fossem suas filhas.

Lembrando-se da avareza do seu duro patrão, abriu seu coração e sua alma em rasgos de generosidade. Visitava o presídio, o asilo, as creches, os colégios, os seminários, distribuindo largas esmolas a quantos necessitassem.

Gabriel, que as múltiplas ocupações com seus imensos cafezais prendia quase sempre longe de casa, à noite escutava embevecido e grato os grandiosos poemas de caridade cristã de sua magnânima esposa. Dizia:

- Sílvia , quanto mais socorres os necessitados, quanto mais distribues esmolas aos pobres, mais progridem os meus negócios.

Querida, foi Deus quem te mandou para o seio da minha casa, em nobre e santa missão, para minha felicidade e de minha filha.

Paulinho, o felizardo garoto, o principezinho felizardo, sem o qual talvez sua mãe não teria encontrado o caminho da felicidade, descobriu como por sortilégio um tesouro, um imenso tesouro, mais precioso do que aquele que, segundo a onírica declaração do bugrinho, jaz enterrado sob os maciços de Vila Velha.

Sílvia, comentando com seu marido o radioso sonho da gruta de pedra, disse um dia:

- É à maravilha de Vila Velha que devo a dita de cingir esta coroa real, meu bem. A ela devo ainda a herança do trono real para meu filho. Por isso, sinto-me no dever de gratidão de divulgar pelo Brasil esta portentosa obra do Criador. E tu, Gabriel, que achas de Vila Velha?

- Eu acho a maravilha mais estupenda do mundo, porque foi por meio dela que Deus me deu, como num sonho, a mais formosa, a mais encantadora maravilha que eu poderia descobrir. A fantástica, a incomparável maravilha que trouxe a felicidade para mim e para minha filha. Sílvia, esta maravilha - és tu, querida, tu e teu filho!

30 - CASAMENTO DE PAULO E LIANE

Volvido um ano após o casamento, num belo dia de dezembro, os anjos entoaram uma canção de amor sobre o palacete de Gabriel e Sílvia, de Liane e Paulo. Naquele dia, a felicidade inundava os quatro corações, com o nascimento do herdeiro de Gabriel e Sílvia. Uma graciosa menina, que por ser loura como a sua mãe e por levar nas veias o sangue dos imigrantes italianos, recebeu o nome de BIANCA.

Mas as bênçãos sobre esta privilegiada família não cessaram. Quando Bianca completava dois anos de vida, nascia o PERCIO, um forte

e bonito garoto, que recebeu o nome de um distinto amigo do pai, o Dr. Pércio, geólogo e escritor.

Agora, a felicidade terminava de encher de alegria aquele lar abençoado. Era preciso pensar no futuro de Liane e Paulo, já em idade de frequentar a escola. Então, Paulo matriculou-se no colégio dos Irmãos Maristas e Liane, no mais conceituado educandário dirigido por religiosas.

Concluíram o curso primário. O curso ginásial. Paulo concluiu o curso que hoje constitui o segundo grau. E Liane, o curso normal. Sempre com brilhantismo.

Aprovados nos exames vestibulares para o curso superior, Paulo fascinado por Vila Velha, optou pelo curso de Geologia. Liane, pelo curso de Enfermagem, como homenagem àquela que foi sua carinhosa enfermeira - Sílvia.

Agora estamos diante de outra extraordinária surpresa. Paulo e Liane, que não mantinham o menor laço de parentesco, atingindo a adolescência, já pensam no futuro, para concretizar e imortalizar o seu amor.

Depois de um período de certa indiferença nascia no coração de ambos o amor. O amor que se completa na união conjugal.

Sim, Paulo e Liane vão casar. Aquela simpatia, aquela amizade, que nasceram à sombra das muralhas da fortaleza de Vila Velha, constituíram o ponto inicial de um amor que só terá fim na eternidade.

Para ver o que uma maravilha da natureza pode realizar! Como não? Realizava-se duplamente a onírica promessa do bugrinho, o guardião do tesouro de Vila Velha.

A formatura de ambos aconteceu no mesmo dia. A de Liane, de manhã. A de Paulo, à noite.

Decorrida uma semana, estava tudo pronto para a festa do amor.

O casamento religioso teve lugar na Catedral de Londrina. Foi um dos mais solenes e concorridos casamentos da metrópole do café.

No dia seguinte, como preparação de uma grande viagem que o casal faria a vários países da América e da Europa, Paulo e Liane empreendiam uma viagem sentimental, visitando Vila Velha e as famílias dos avós de Paulinho.

Agora, formado em Geologia, Paulo quis estudar a fundo aquela prodigiosa formação arenítica de Vila Velha.

Não resistiram à tentação de ir ao lugar solitário onde Sílvia passara três dias, sozinha, enquanto o filho vivia horas felizes com os turistas. Ao chegar àquele recanto da mata, onde ainda existiam vestígios do acampamento, Paulo comoveu-se. Comoveu-se ao lembrar-se de tantos favores recebidos dos turistas. O maior de todos, o fantástico encontro com Liane.

Então, ali, à sombra do arvoredo, onde cantavam os mesmos pássaros que alegravam a viúva, onde ela orava e lia a Bíblia, Paulo e Liane se abraçaram e se beijaram efusivamente, chorando...

Na gruta do sonho, Paulo descrevia para Liane os momentos de emoção e de temor em que vivera naquele soturno subterrâneo, durante três noites. As três noites em que o simpático bugrinho, o guardião do tesouro de Vila Velha, apareceu em sonho, fazendo-lhes a promessa de felicidade que agora ele e Liane estavam gozando.

Ao pé do monumento do Cálice de Pedra, os dois jovens, sentados sobre a grama, abraçados, recordaram a saudosa companhia de Paulo com as gostosas mineirinhas...

A seguir, foram a Santa Felicidade, o bairro de Curitiba, onde moravam os avós e tios do Paulo, a família do Seu Antônio de Oliveira.

Foram dois dias de imensa emoção para os avós e tios. Ver o seu primeiro neto e sobrinho, cujo pai perecera trágica e prematuramente, vê-



lo agora feito um príncipe, no lado da linda esposa, uma jovem princesa, filha de um dos homens mais ilustres e ricos de Londrina...

No segundo dia, Paulo e Liane, junto com membros da família Oliveira, foram ao cemitério, prestar homenagem ao pranteado Rafael de Oliveira, o inesquecível pai de Paulinho. Depositaram flores sobre o túmulo. Acenderam velas. Rezaram. Depois, abraçados, Paulo e Liane, choraram...

No terceiro dia, a viagem ia prosseguir em visita aos pais e irmãos de Sílvia, que já não moravam no Passo do Socorro, mas na cidade de Lages.

- Paulo, - falou o Sr. Antônio de Oliveira - vocês sabem que o Sr. Paganella não mora mais no Passo do Socorro? Agora mora em Lages, com seus filhos, na direção e administração do grande Hotel Paganella.

- Sim, vô, respondeu Paulo. - nós sabemos. A família já se comunicou com a mãe e narrou como pôde realizar o excelente negócio da maravilhosa transformação daquele humilde hotel de beira da estrada num grande hotel de três estrelas, na pequena metrópole da serra catarinense, a cidade de Lages.

Então, no dia seguinte, Paulo e Liane brindavam os pais e irmãos de Sílvia com aquela fantástica surpresa. Por insistência da família Paganella, o jovem casal viveu dois dias de alegria e emoção, regamente hospedados no luxuoso hotel de seus avós e tios.

Rodando pela BR-116, o casal foi ao Passo do Socorro. Visitaram o velho hotel Paganella, agora com outros proprietários. Atravessaram o rio Pelotas pela grandiosa ponte pênsil, construída após a enchente de agosto de 1965.

A seguir, em Vacaria, terra natal de Sílvia, Paulo e Liane foram orar na Catedral de Nossa Senhora da Oliveira. Suntuoso templo, estilo gótico, todo construído de pedra, pelo célebre arquiteto Frei Efrém de Bellevcaux um capuchinho francês.

Na serra do rio das Antas, Paulo quis ver o abismo em que havia tombado o caminhão do pai, que perecera no acidente. Paulo não conteve as lágrimas...

Depois de passar por Caxias do Sul, uma grande cidade industrial, fundada por imigrantes italianos, entre os quais os antepassados de Paulo, foram a Gramado e Canela. Região disputada por legiões de turistas. No Parque do Caracol, o casal viveu momentos de êxtase diante de outro espetáculo da natureza - a Cascata do Caracol.

Passaram, depois, por São Francisco de Paula, uma região bucólica da serra, toda enfeitada de altivos pinheiros.

Por fim, entraram no parque nacional dos Aparados, onde no meio da campina subitamente, se escancara o canhão do Taimbezinho, maravilha da natureza sem igual no mundo inteiro. Um abismo de cerca de 800 metros de profundidade, com paredes a pique de basalto, estende-se por oito quilômetros.

Lá no fundo do vale, murmuram, em sucessivas cachoeiras, as águas caudalosas do rio do Boi. Duas cascatas de centenas de metros de altura, oferecem um espetáculo de incomparável beleza.

Paulo e Liane levaram mais de três horas percorrendo as margens do abismo, cada vez mais atordoados diante de novos aspectos daquele recanto edênico, todo coroadado de esbeltos pinheiros, com enormes sombrinhas abertas sobre a verde campina.

- Não é possível descer lá no fundo do abismo? - perguntou Paulo ao hoteleiro.

- Claro que é possível. Muitos turistas descem lá. Mas é perigoso. Já morreu gente.

- Mas eu quero voltar aqui outra vez, e quero descer, não é, Liane?

- Pois não. No próximo verão.

- Se vocês quiserem conhecer melhor o Taimbezinho, - falou o hoteleiro - podem levar este livro: PRISIONEIROS DO ABISMO. Uma história fascinante de dois rapazes que desceram e ficaram presos lá pela enxurrada. Ficaram presos durante três dias.

- Interessante, Liane! - exclamou Paulo. - Os dois rapazes ficaram prisioneiros de Taimbezinho durante três dias. E eu e a mãe ficamos três dias PRISIONEIROS DE VILA VELHA.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Portal

Domínio Público

Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Acesso à leitura